



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ZOOLOGIA

MÔNICA COSTA DE ABREU

Evidência de sinurbização do sariguê (*Didelphis*) no ecossistema urbano de Feira de Santana (BA): Ocorrência e interação com os seres humanos



FEIRA DE SANTANA – BAHIA

2013

MÔNICA COSTA DE ABREU

Evidência de sinurbização do sariguê (*Didelphis*) no ecossistema urbano de Feira de Santana (BA): Ocorrência e interação com os seres humanos

Dissertação apresentada, para obtenção do título de Mestre em Zoologia, ao Programa de Pós-Graduação em Zoologia da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Área de Concentração: Etnozoologia.

Orientador: Dr. José Geraldo Wanderley Marques.

FEIRA DE SANTANA – BAHIA

2013

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

A146e Abreu, Mônica Costa de
Evidência de sinurbização do sariguê (*Didelphis*) no ecossistema urbano de Feira de Santana (BA) : ocorrência e interação com os seres humanos / Mônica Costa de Abreu. – Feira de Santana, 2013.
114 f. : il.

Orientador: José Geraldo Wanderley Marques.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Zoologia, 2013.

1. Animais – Adaptação. 2. Etnozoologia – Feira de Santana.
3. *Didelphis* - Sinurbização. I. Marques, José Geraldo Wanderley, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 591.525

“Um dia na primeira semana do segundo semestre letivo de um ano na década de 80. Um docente de biologia leva seus alunos ao Jardim Botânico de São Paulo. Próximo ao local conhecido como “Castelinho”, um adolescente diz: “Professor, tem um rato no lixo”. Dentro de um tonel de plástico usado para coleta de lixo, cheio de resíduos até a metade de sua altura, agita-se um gambá. O cilindro é colocado na horizontal: o animal silvestre escapa do recipiente e se embarafusta na mata...”

(Márcio Luiz Quaranta Gonçalves & Luciano Bonatti Regalado, 2007)

Dedicatória

Aos meus pais, ao meu irmão Paulinho, a Thiago, Pepi e a todos que direta ou indiretamente me ajudaram nessa caminhada. MUITO OBRIGADA!!!

Agradecimentos

Ciente de que a jornada pelo sucesso profissional na verdade acabou de começar, e para não cometer o erro de esquecer de agradecer a alguém, agradeço de antemão a todas as pessoas que diretamente ou indiretamente me ajudaram, não só com trabalho em campo ou nas ideias para montar a dissertação como um todo, mas com o carinho, apoio e otimismo que foram demonstrados.

Gostaria primeiramente de agradecer a Deus pelo dom da vida, por sempre estar me protegendo e abençoando e principalmente por disponibilizar essa maravilhosa diversidade que me faz a cada dia dedicar-me a esta bela profissão que é ser biólogo.

Aos moradores de Feira de Santana que entrevistei, por terem me ajudado com tanto carinho, atenção e respeito, e por terem tornado possível esta conquista.

Agradeço em especial ao meu orientador professor José Geraldo Marques, por ter me apresentado a Etnozoologia, e que mesmo com todos os contratemplos pelos quais passamos, sempre acreditou no nosso trabalho. Por estar sempre à minha disposição nos momentos de maiores dificuldade, com uma grandiosa paciência e generosidade. Assim juntamente levando ao êxito desse trabalho.

A minha mãe pelo exemplo de força, bondade, dedicação e fé, você é minha inspiração!!! Por sempre estar comigo e mesmo estando um pouco impossibilitada de me acompanhar, continuo sendo seu orgulho.

A meu pai, pela preocupação, rigidez e cobranças para que esse trabalho saísse perfeito. Pelo apoio, amor e animação na minha escolha profissional.

A meu irmão, Paulinho, que sempre esteve comigo, nos melhores e piores momentos. Obrigada irmão, agradeço a você por me incentivar sempre ao Curso de Biologia e por me ensinar sempre o valor de lutar pelos meus objetivos.

A Thiago, meu namorado, amor de minha vida, pela dedicação, companheirismo, preocupação, paciência nas horas difíceis e, sobretudo por estar sempre presente ao meu lado.

Aos meus tios, Siomara e Elias, pelo carinho e amor dedicados, pelas ótimas acolhidas de finais de semana, pela infância bem vivida ao lado de vocês e por sempre estarem comigo.

A meu padrinho e tio, Jaiminho, que me dedica seu amor de pai, sempre estando comigo e por está infinitamente torcendo pelo meu sucesso.

Aos meus familiares pela animação e ajuda no que podiam para que esse trabalho desse certo.

Ao meu cãozinho, Pepi, por mesmo nos meus momentos de cansaço após mais um longo dia dedicado a minha dissertação me trazer alegrias e risos.

A minha pequena grande cunhada Vanessa, pela ajuda nos estudos da seleção do mestrado.

Ao meu irmão postiço Iuri (Muque) pelas caronas, pela amizade e por sempre me animar e ajudar em tudo que eu preciso e precisei.

A minha amiga Érica (Ângela) pelo carinho, pelas risadas, pela amizade, por todos os momentos de diversão fantásticos.

Não posso deixar de agradecer as minhas amigas: Fabiana, Moana, Ariane e Fernanda, obrigada amigas por estarem sempre comigo nas melhores e piores horas, mesmo longe sempre pude contar com o apoio, carinho e até reclamações de vocês.

A minha segunda família, os moradores da republica Mangueira fm, desde a primeira geração até os dias de hoje. A Wagner, Augusto (Tinho), Joice, Dani Lima, Nati e Luiz pelos momentos de descontração, pela amizade e por estarem sempre comigo!!

As minhas irmãs acadêmicas Mari e Vivi, pelo apoio, carinho, amizade e constantes salvamentos. Obrigada meninas por me ajudar em tudo, pelas dicas e principalmente por deixa-me conviver com vocês.

Aproveito para agradecer ao pessoal do LETNO, em especial a Tati pela ajuda com os banners e dicas, ao professor Franzé e Eraldo pelos valiosos artigos que me concederam e a Simony pela deslumbrante elaboração do mapa.

Aos meus amigos do mestrado: Ana Teresa, Dani Mendes, Gil, Priscilla, Maíra, Mazinho, Clézia, André, Augustinho, Luiz Alberto, Matheus, Luis Rogério, Claudinha, Silvinha, Shantala, Laila e Emerson por estarem sempre comigo, pelos momentos de atenção, pelas preocupações, pelas brincadeiras e risadas, por serem prestativos e principalmente por essa linda demonstração de carinho e amizade que vocês me passam!!!

Ao pessoal do LENT por me adotarem, em especial a professora Miriam Gimenes e minha querida amiga Janete Jane pela ajuda e por serem sempre solícitas.

A UEFS pela estrutura oferecida para que fosse possível desenvolver este trabalho acadêmico, ao acolhimento e acima de tudo por ser uma instituição séria que prima pela competência e qualidade dos seus estudantes.

Ao comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP/UEFS) pela solicitude e disponibilidade.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia pela concessão da bolsa

Enfim a minha família e amigos por estarem sempre ao meu lado, torcendo pelo meu sucesso e principalmente me incentivando a fazer o que amo independente de qualquer coisa.

Muito obrigada galera, todo esse esforço e trabalho também foi por vocês!

RESUMO

As cidades tornaram-se locais ricos em diferentes formas de vidas, abrigando uma biodiversidade dificilmente perceptível pelas pessoas. O fenômeno de adaptação das populações de animais silvestres colonizando o meio urbano é denominado sinurbização. O processo de sinurbização é evidente no caso dos sariguês (*Didelphis*). Estes animais se adaptam facilmente às áreas urbanas e podem ser vistos em ruas ou sobre árvores. Este trabalho objetivou evidenciar o fenômeno de sinurbização relacionada aos *Didelphis*, suas ocorrências e relações com as pessoas, no ecossistema urbano de Feira de Santana (BA). A pesquisa foi eminentemente qualitativa, sendo os dados relevantes analisados por meio de quantificação parcimoniosa representadas apenas por estatística descritiva, representações gráficas e tabelas. A amostragem foi realizada por método não-probabilístico, em parte recorrendo-se ao tipo amostral acidental. Foram realizadas 50 entrevistas, 32 semi-estruturadas e 18 visualmente estimuladas (foi exibido um kit fotográfico contendo 10 fotos para estímulo visual) com pessoas que habitam a área urbana do município há mais de três anos. Os roteiros de entrevistas envolveram perguntas relacionadas a: distribuição geográfica e frequência de observação dos animais, aspectos da biologia geral, atitudes e crenças das pessoas frente aos sariguês. Também foram realizados registros fotográficos de vestígios encontrados e de avistamentos diretos dos animais, bem como uma etnografia visual. Os dados foram sistematizados e analisados a partir do modelo de união de diversas competências. Dos 41 bairros existentes na área urbana, foram verificadas ocorrências de *Didelphis* em 23. Em relação aos sentimentos dos participantes, predominou a biofobia (46%), o que ficou igualmente demonstrado nas atitudes agressivas (56%) dos entrevistados. As crenças sobre os sariguês na localidade mostrou-se discreta. Os moradores também mostraram conhecimento sobre a morfologia, reprodução, cronobiologia e etologia dos *Didelphis*. O uso dos sariguês na medicina popular também foi citado pelos entrevistados. Sobre os aspectos da dieta desses animais, a categoria “aves” foi a mais citada pelos entrevistados. A etnografia visual demonstrou o fato das pessoas alimentarem-se de sariguês. Com base nisso, é possível afirmar que o processo de sinurbização do sariguê (*Didelphis*) no ambiente urbano de Feira de Santana é factível e que os moradores urbanos desta localidade possuem conhecimentos sobre o animal que em grande parte corresponde a literatura científica.

Palavras-chave: sinurbização, etnozootologia urbana, biofobia, biofilia.

ABSTRACT

The cities have become rich sites in different life forms, harboring a biodiversity hardly noticeable by people. The phenomenon of adaptation of wild animal populations colonizing the urban environment is named sinurbization. The sinurbization process is evident in the case of possums (*Didelphis*). These animals adapt easily to urban field and can be seen in the streets or on trees. This work aimed to highlight the phenomenon of sinurbization related to *Didelphis*, its occurrences and relations with people, in urban ecosystem of Feira de Santana (BA). The research was eminently qualitative being the relevant data analysed by means of quantification parsimonious represented only by descriptive statistics, graphic depictions and tables. Sampling was performed by non-probabilistic method, in part by resorting to the accidental sample type. 50 interviews were conducted, 32 semi-structure and 18 visually stimulated (it was displayed a photographic kit contains 10 photos for visual stimuli) with people living in the urban area of the city for more than three years. The road maps of interviews involved questions related to: geographical distribution and frequency of observation of animals, aspects of general biology, attitudes and beliefs of people front the possums. Were also conducted photographic records of traces found and direct sightings of animals, as well as a visual ethnography. Data were analyzed and systematized from the union model of multiple skills. Of the 41 existing neighborhoods in urban area, were verified occurrences of *Didelphis* in 23. In relation to the feelings of the participants, predominated the biophobia (46%), what was also demonstrated in the aggressive attitudes (56%) of respondents. The beliefs about the possums in the locality showed up to be discreet. The residents also showed knowledge about the morphology, reproduction, ethology and chronobiology of *Didelphis*. The use of possums in folk medicine was also cited by respondents. On the aspects of the diet of these animals, the category "birds" was the most cited by respondents. A visual ethnography demonstrated the fact that people feed on possums. On this basis, it is possible to say that a process of sinurbization of the possum (*Didelphis*) in the urban environment of Feira de Santana is doable and urban dwellers of this town have knowledge about the animal which largely corresponds to the scientific literature.

Keywords: sinurbization, urban ethnozoology, biophobia, biophilia.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	I
LISTA DE TABELAS.....	II
LISTA DE QUADROS.....	III
1.INTRODUÇÃO.....	17
2.REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
3.OBJETIVOS.....	27
4.MATERIAIS E MÉTODOS.....	29
4.1 ÁREA DE ESTUDO.....	30
4.2 COLETA DE DADOS.....	31
4.3 ANÁLISE DE DADOS.....	34
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	36

5.1 CARACTERIZAÇÃO PROFISSIONAL DOS PARTICIPANTES	37
5.2 REGISTRO DE OCORRÊNCIA E OBSERVAÇÃO DE FREQUÊNCIA DOS SARIGUÊS PELOS MORADORES LOCAIS	38
5.3 SENTIMENTOS, ATITUDES E CRENÇAS DA POPULAÇÃO URBANA SOBRE OS SARIGUÊS	41
5.4 COMPARAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS PELA POPULAÇÃO LOCAL COM DADOS TÉCNICO- CIENTÍFICO	51
5.5 ZOOFAGIA: UMA ETNOGRAFIA VISUAL	75
6. CONCLUSÕES	87
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
8. APÊNDICES	101
9. ANEXOS	113

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Comparação entre **A.** *Sinodelphis* (marsupial extinto) e **B.** *Didelphis* (atual representante conhecido).

Figura 2: Localização da cidade de Feira de Santana no estado da Bahia.

Figura 3: **A.** Vista interna do Centro de Abastecimento. **B.** Entrada da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). **C.** Vista externa do Mercado de Artes

Figura 4: Sariguê atropelado na Universidade Estadual de Feira de Santana.

Figura 5: Sariguê encontrado em um balde de lixo de um morador da área urbana de Feira de Santana.

Figura 6: Profissões obtidas através das respostas dos 50 entrevistados.

Figura 7: **A.** Filhote de Sariguê encontrado na residência do entrevistado. **B.** Sariguê encontrado no quintal da casa do entrevistado. **C.** Carcaça de sariguê encontrado na UEFS. **D:** Sariguês morto no meio da rua de um bairro urbano de Feira de Santana.

Figura 8: Mapa da distribuição geográfica dos sariguês na parte urbana da cidade de Feira de Santana.

Figura 9: Frequência de observação dos sariguês nos bairros segundo as respostas dos roteiros analisados.

Figura 10: Representação dos sentimentos dos moradores urbanos de Feira de Santana.

Figura 11: Representação das atitudes dos participantes com os sariguês.

Figura 12: Representação dos instrumentos utilizados pelos moradores urbanos para agredir os sariguês.

Figura 13: Imagem de um sariguê carregando sua cria no marsúpio, destaque na abertura da estrutura com filhotes no seu interior.

Figura 14: Representação das respostas dos entrevistados relacionadas ao período de avistamento dos sariguês.

Figura 15: Animal capturado em processo de tanatose.

Figura 16: Ninho de João- de-Barro habitado por um sariguê.

Figura 17: Representação gráfica dos itens alimentares citados pelos entrevistados sobre a dieta dos sariguês.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Sentimentos encontrados nas entrevistas.

Tabela 2: Instrumentos utilizados pelos entrevistados para agredir os sariguês.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Discursos individualizados expressando sentimentos de biofobia e biofilia.

Quadro 2: Cognição comparada com relação à morfologia dos sariguês, segundo a percepção dos moradores urbanos do município de Feira de Santana, Bahia.

INTRODUÇÃO

1. Introdução

“No ano milenar de 2000, um precursor de um futuro que deve reviver o passado apareceu na forma de um coiote que tentava chegar ao Central Park. Subsequentemente, mais dois fizeram o mesmo na cidade, assim como um peru selvagem. A volta à selva da cidade de Nova York pode não esperar até que as pessoas partam”

(Alan Weisman, 2007)

As cidades, especialmente as grandes metrópoles, abrigam uma biodiversidade e saberes ainda pouco compreendidos (ALMADA, 2010). Na literatura há uma discussão acerca das cidades e ambientes urbanos serem considerados como ecossistemas, por apresentarem processos comumente encontrados em sistemas silvestres. No entanto, a expressão vem sendo utilizada consistentemente na literatura ecológica (ODUM, 1985).

A fauna silvestre aos poucos vem se tornando parte da paisagem das cidades em muitos países (KRUUS, 2002; SACHS, 1993). Talvez isso aconteça pelas semelhanças estruturais que este ambiente apresenta, como pode ser visto nos altos edifícios de Curitiba, onde encontramos falcões peregrinos construindo ninhos protegidos nas “encostas” (KRAUSE, 2011).

Muito dessa dependência animal com as cidades ainda encontra-se em desenvolvimento, porém há uma forte tendência para populações acompanharem a atual expansão urbana e ocuparem um novo e promissor hábitat (KRUUS, 2002).

Esse desenvolvimento urbano acompanhado pela adaptação acelerada das populações de animais silvestres para as condições urbanas específicas foi nomeado como "*sinurbização*", que significa muitas vezes a resposta de novas espécies animais colonizando cidades. O termo *sinurbização* é uma tradução do inglês *synurbization*, que por sua vez é a junção de *synanthropic* (sinantropia) com *urbanization* (urbanização) (LUNIAK, 2004).

Populações em processo de *sinurbização* mostram importantes diferenças ecológicas e comportamentais, quando comparadas com populações da mesma espécie que vivem em seus habitats naturais não-urbanos. Entre as características mais típicas da *sinurbização* podemos citar: maior densidade de população, menor comportamento migratório, estação reprodutiva prolongada (proles mesmo no inverno) e outras mudanças na ecologia da reprodução, atividades do ritmo circadiano modificada, mudanças na dieta e no

comportamento de forrageamento, aumento da agressão intra-específica, mansidão para com o homem e várias adaptações para o comportamento humano (LUNIAK, 2004).

Na cidade de Feira de Santana (BA), as relações entre animais e seres humanos foram pesquisadas por SANTOS & MARQUES (2001) e MARQUES & GUERREIRO (2007); os autores analisaram mais especificamente o uso e a relação com espécies de répteis em feiras populares da cidade (ALMADA, 2010).

A crença de que o contato com a natureza é algo bom ou benéfico para as pessoas é uma noção antiga e generalizada (KELLERT & WILSON, 1993), porém essas relações podem ser tratadas desde atração e admiração (biofilia) a aversão e indiferença (biofobia).

O termo biofilia foi popularizado por WILSON em 1984, o autor propôs que os seres humanos possuem uma conexão emocional inata (portanto, genética) com os demais seres vivos (FITA & COSTA-NETO, 2007). No extremo oposto a esse sentimento encontra-se a biofobia, termo descrito por ULRICH (1993) que sugere a existência de uma base inata de respostas negativas ou biofóbicas a estímulos de determinada natureza (especialmente relacionados com animais).

Essa relação é claramente compreendida no caso dos sariguês (*Didelphis*), também chamados saruês na Bahia, timbu ou cassaco de Pernambuco ao Ceará (NOMURA, 1996), não só por sua anatomia (dita por muitos como estranha), mas por crenças a eles relacionadas, sendo por isso, frequentemente mortos pela população local.

Os sariguês possuem hábitos noturnos ou crepusculares e sua dieta é bastante variada, são onívoros - comem ovos, filhotes de aves, invertebrados, frutas e lixo - se entocam em qualquer espaço vago, sobretudo em tetos, lajes e muros (JOHN, 2011).

Demonstram grande eficiência adaptativa aos mais variados habitats, vivendo até mesmo em grandes centros urbanos (PIRES *et al.*, 2002 *apud* REIS *et al.*, 2006). Esses animais se adaptam facilmente às áreas urbanas e podem ser vistos em ruas ou sobre árvores (BRITES, 2011).

Por falta de informação, muitas vezes os sariguês são confundidos com ratazanas ou tidos como uma espécie ameaçadora (BRITES, 2011). Segundo MARQUES (2005a) os motivos da predação dos sariguês pelos homens são vários, incluindo o uso trófico e a utilização medicinal. O autor sugere, por outro lado, que a predação competitiva passa justificar outros motivos, a exemplo da proposição disseminada pelas pessoas de que os sariguês atacariam galinheiros, ocasionando um grande prejuízo econômico para os

criadores. Além disso, há crença na sua predileção por sangue, por isso sendo conhecidos como sanguinários (von IHERING, 1968).

Com base nessas informações o presente trabalho tem o propósito de analisar, compreender e contextualizar evidências de sinurbização relacionada a *Didelphis*, suas ocorrências e relações com os seres humanos, tendo como pressuposto os conhecimentos, crenças, sentimentos e comportamento das pessoas no ecossistema urbano de Feira de Santana (BA).

Este trabalho justifica-se a partir de que a maioria dos estudos etnobiológicos ainda se concentram em populações tradicionais; com o avanço acelerado dos processos urbanos, torna-se urgente que nossa atenção esteja voltada para a realidade urbana sob uma perspectiva etnozoológica.

Podemos notar claramente, que o meio ambiente foi alterado de forma radical pela fundação das cidades, e devido a isto os estudos neste ambiente podem ajudar as pessoas a verem as cidades como um ecossistema, assim preservando a fauna que vem se apresentando crescente nesse ambiente.

Nas áreas urbanas, as pessoas desenvolvem e acumulam ativamente conhecimentos do dia-a-dia sobre fenômenos biológicos, o que está suficientemente comprovado por DOUGLAS & ATRAN (1999), as quais cunharam, para tal atividade cognitiva, o termo *folk ecology*. Por sua vez OVERAL (1990) chamou atenção para a necessidade de estudos etnozoológicos em contextos não apenas indígenas, mas também naqueles modernos e industriais.

REFERENCIAL
TEÓRICO

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 . Ecossistema Urbano e sinurbização

O intenso manejo das áreas naturais pelo homem pode originar, de um modo ecológico, o desenvolvimento de um ecossistema com características particulares: o ecossistema urbano (MARZLUFF & EWING, 2001 *apud* TORGA *et al.*, 2007).

O ecossistema urbano é considerado como um dos maiores responsáveis pelo impacto negativo na Terra (MUCELIN & BELLINI, 2008), por apresentar um metabolismo mais intenso, exigindo um influxo superior de energia concentrada, assim obtendo uma maior saída de resíduos, onde muitos são substâncias químicas sintéticas tóxicas (ODUM, 1985).

Esse ecossistema incompleto ou heterotrófico depende de recursos de áreas externas para sua manutenção, tais como: alimentos, fibras, água e outros materiais (ODUM, 1985). O ambiente urbano resulta das interações dos fatores ambientais, biológicos e sócio-econômicos, causando profundas alterações sobre os ambientes naturais (LOMBARDO, 1990 *apud* BRUN *et al.*, 2007).

A respeito desse processo, as cidades tornaram-se locais de imensa riqueza de formas de vidas (ALMADA, 2010), abrigando uma considerável biodiversidade, em que grande parte é dificilmente perceptível aos seres humanos (LUNIAK, 2004).

Segundo especialistas, populações silvestres de aves, mamíferos e répteis vêm crescendo nas cidades durante os últimos anos (SZPILMAN, 2011). Essa “migração” é explicada por fatores simples como: abundância de alimento, fruto dos desperdícios orgânicos dos seres humanos; ausência quase total de predadores; abundância de abrigos e nichos ecológicos; desmatamento dos habitats naturais desses animais; condições climáticas mais acolhedoras, sobretudo em termos de temperatura, funcionando como “ilhas de calor”, registrando temperaturas médias de 1,5 °C acima dos valores verificados fora do espaço urbano (NUNES, 2011).

Esse fenômeno de adaptação das populações de animais silvestres colonizando o meio urbano é denominado como sinurbização, e não se aplica individualmente em animais que vieram (ou foram trazidos por seres humanos) para uma área urbana e que acidentalmente vivem lá por um tempo limitado. O termo sinurbização está relacionado a mais dois outros termos: sinantropização e urbanização (LUNIAK, 2004).

Sinantropização refere-se a adaptação das populações de animais para os seres humanos (antropogênicos) criados em condições gerais (LUNIAK, 2004). Urbanização trata-se das mudanças na estrutura física e biótica do hábitat causada pelo desenvolvimento urbano, que podem afetar diversos processos ecológicos (BRUN *et al.*, 2007).

O fenômeno de sinurbização vem sendo um assunto de crescente interesse para o meio científico, pois demonstra a plasticidade ecológica, comportamental e microevolutiva dessas populações de animais sob pressões antrópicas. Há também um ponto de interesse na ecologia aplicada, pois implica na possibilidade de enriquecimento e gestão dos animais silvestres em ambientes urbanizados. O ajuste da fauna às condições urbanas é também uma oportunidade para a convivência e diminuição dos conflitos entre as populações humanas e a natureza (LUNIAK, 2004).

Com base nesses aspectos, a capacidade de animais silvestres se adaptarem às condições urbanas deve ser considerada na gestão do ecossistema urbano (BRUN *et al.*, 2007) e o processo de sinurbização deve ser estimulado, não exclusivamente com o objetivo de enriquecer a biodiversidade da natureza urbana, mas também no âmbito do controle de pragas (LUNIAK, 2004).

1.2 Os *Didelphis*

O termo popularizado gambá, originou-se da língua tupi-guarani, onde a palavra gambá é corruptela de guaambá, gua= ventre + mbá= aberto, ou seja, ventre aberto, seio oco ou saco vazio, referenciando à estrutura marcante da ordem dos marsupiais, o marsúpio (SANTOS, 1984; NOMURA, 1996).

De acordo com os registros fósseis, a ordem Didelphimorphia constitui os mamíferos mais antigos que chegaram até a atualidade dentre os viventes, o que aconteceu sem existir grandes variações anatômicas (Fig. 1), pelo que de forma geral podem considerar-se como fósseis vivos (GARDNER, 2005), sendo a família Didelphidae a mais rica, com 65 espécies compreendidas em 17 gêneros e também a que apresenta a maior distribuição geográfica (COSTA & PATTON, 2006).

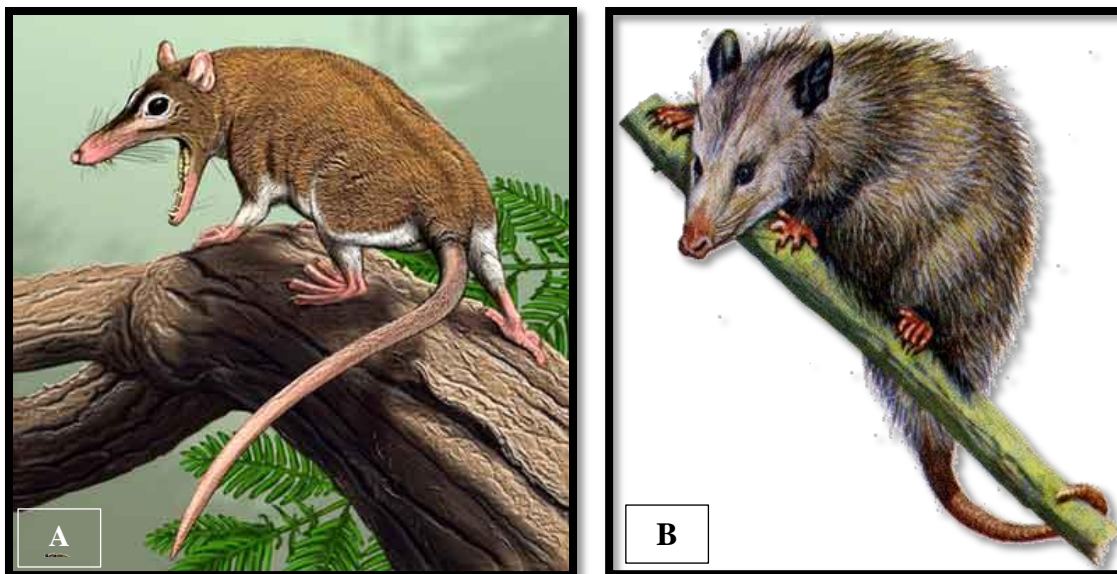


Figura 1: Comparação entre **A.** *Sinodelphis* (marsupial extinto) e **B.** *Didelphis* (atual representante conhecido).

(Fonte: **A.** www.scienceblogs.com **B.** www.saudeanimal.com.br)

Entre tantas espécies, o gênero *Didelphis* inclui as maiores e mais generalistas espécies entre os marsupiais neotropicais (FONSECA & ROBINSON, 1990). Este gênero possui três espécies presentes no Brasil: *Didelphis marsupialis*, *Didelphis aurita* e *Didelphis albiventris* (LEMOS & CERQUEIRA, 2002).

Os *Didelphis* são animais com 40 a 50 centímetros de comprimento, sem contar com a cauda que chega a medir 40 cm, incluindo a cabeça alongada, mas com uma dentição poliprotodonte (fórmula dental: $5/4, 1/1, 3/3, 4/4 = 50$) (GARDNER, 2005) e definitiva, com exceção apenas de um só molar que sofre mudança (SANTOS, 1984).

A cauda tem pelos apenas na região proximal, é escamosa na extremidade e preênsil, ou seja, tem a capacidade de enrolar-se a um suporte, como um ramo de árvore. As patas são curtas com cinco dedos em cada mão, com garras; o hálux (primeiro dedo das patas traseiras) é parcialmente oponível e, em vez de garra, possui uma unha. Ao contrário da maioria dos marsupiais, sua cauda é menor que seu corpo. Como todo gambá, ele também emite líquido fétido das glândulas axilares, que utiliza na fase do cio, para chamar o parceiro (GARDNER, 2005).

Sua morfologia reprodutiva apresenta nos machos um pênis bífido que localiza-se na frente do saco escrotal. As fêmeas possuem dois úteros (didelfia) e duas vaginas que comunicam-se com um só orifício externo. Podem reproduzir-se duas vezes durante o ano, dando 10 a 20 filhotes em cada gestação, que dura 12 a 14 dias (SILVA, 1984).

Como nos restantes dos marsupiais, ao invés de nascerem filhotes, nascem embriões com cerca de um centímetro de comprimento, que se dirigem para o marsúpio, onde ocorre uma soldadura temporária da boca do embrião com a extremidade do mamilo da mãe. Os filhotes permanecem no marsúpio (dobra de pele abdominal) até 4 meses é quando crescem mas, ainda não são capazes de viverem sozinhos, por isso são transportados pela mãe em seu dorso (GARDNER, 2005).

Possuem hábito alimentar onívoro, alimentando-se de praticamente tudo que encontra, insetos, larvas, cobras, frutas, mas preferencialmente pequenos roedores e galinhas. São solitários e forrageiam durante a noite ou em horas crepusculares (CIMARDI, 1996).

Em meios florestais são predados por corujas, mamíferos carnívoros e serpentes. Orientam-se pelo cheiro para encontrar parceiros. Por isso fazem 'trilhas' de odores nos locais por onde passam, usando saliva e substâncias secretadas pelas glândulas das axilas. As 'trilhas' são mais fortes nas épocas de acasalamentos, que podem ocorrer duas vezes por ano (JOHN, 2011).

Os *Didelphis* são considerados um gênero muito importante para a dispersão das sementes de algumas árvores. Isso porque possuem a capacidade de percorrer grandes distâncias no interior das matas à procura de alimento. Nesta busca, acabam espalhando junto com as suas fezes as sementes dos frutos que ingeriram (BRITES, 2009).

Sobem e andam pelas árvores com muita habilidade. São animais lentos e pacíficos, mas quando ameaçados sabem defender-se abrindo a boca, mostrando os dentes e rosnando bastante, atitude esta que intimida realmente o agressor. Também como forma de defesa, os *Didelphis* fingem-se de morto (tanatose) para após determinado período sair andando em retirada em busca de refúgio, desta forma, conseguindo muitas vezes, desviar a atenção de seu inimigo (CIMARDI, 1996).

Essas características facilitaram muito a vinda dos sariguês para os centros urbanos, porém esses animais são potenciais disseminadores de doenças a animais domésticos e ao homem. Os *Didelphis aurita* são apontados como disseminadores de espécies de carrapatos ixodídeos, como o *Amblyomma aureolatum* e o *Ixodes loricatus*, transmissores de diversos patógenos ao homem e a outros animais, como *Rickettsia rickettsii* (causadora da febre maculosa) (BRAZIL, 2010).

Os sariguês também são reservatórios silvestres de *Trypanosoma cruzi* (protozoário causador da Doença de Chagas), sendo que a transmissão só acontece se houver

contaminação direta do sangue humano pelo sangue do sariguê ou pelas fezes do barbeiro triatomíneo (CIMARDI, 1996).

Pesquisas indicam que *D. albiventris* são bastante susceptíveis a infecções, as fêmeas são encontradas infectadas na natureza, com maior frequência do que os machos, o que pode estar relacionado ao fato delas viverem por mais tempo, pois os machos percorrerem mais áreas do que as fêmeas, assim sendo suscetíveis a predação; também são reservatórios silvestres de *Leishmania* spp. (protozoário causador da leishmaniose), doença incluída na *Lista nacional de doenças e agravos de notificação compulsória*, colocando assim em risco a saúde humana e animal (domésticos e silvestres), quando transmitidas em regiões de mata e peridomiciliares (BRAZIL, 2010).

OBJETIVOS

3. Objetivos

3.1. Objetivo Geral

Buscar evidências de sinurbização de *Didelphis* em ambiente urbano, analisando a sua ocorrência e interação com as pessoas, possibilitando investigar seus conhecimentos, crenças, sentimentos e comportamento diante desse animal em ecossistema urbano.

3.2. Objetivos Específicos

- Verificar e mapear as ocorrências de *Didelphis* em bairros de Feira de Santana;
- Detectar atitudes e comportamentos das pessoas de diferentes grupos (homens e mulheres, jovens e adultos) em relação à(s) espécie(s) de *Didelphis*;
- Investigar os conhecimentos sobre esses animais existentes nas comunidades urbanas;
- Averiguar as crenças e sentimentos das pessoas em relação a esses animais;

***MATERIAIS E
MÉTODOS***

4. Materiais e Métodos

4.1. Área de Estudo

*“Santana dos olhos d’água
Princesa do sertão
Por onde o amor passa e deixa sempre o coração
Feira de Santana
Princesa do sertão”
(Daniela Mercury)*

Feira de Santana é um município do Estado da Bahia, situado a 108 km de sua capital, Salvador (BA) (FEIRA DE SANTANA, 2011). Está praticamente incluída na Polígono das Secas possuindo uma área de aproximadamente 1.337,998 km² (IBGE, 2011).

É a segunda cidade mais populosa e de importância sócio-econômica e política do Estado, maior cidade do interior nordestino em população (FEIRA DE SANTANA, 2011) e a 34ª maior cidade do Brasil (IBGE, 2011). Sua principal característica é o seu comércio forte, que atrai diversos compradores e investidores de todo o país (SANTOS *et al.*, 2011).

Localiza-se a 12°16'00" de latitude sul e 38°58'00" de longitude oeste, a uma altitude de 234 metros (IBGE, 2011) no agreste baiano (Fig. 2). A cidade apresenta uma posição de destaque, pois ostentando uma ampla malha rodoviária que liga o tráfego que vem do Sul e do Centro Oeste para Salvador e outras importantes cidades nordestinas (SANTOS & SANTOS, 2010).

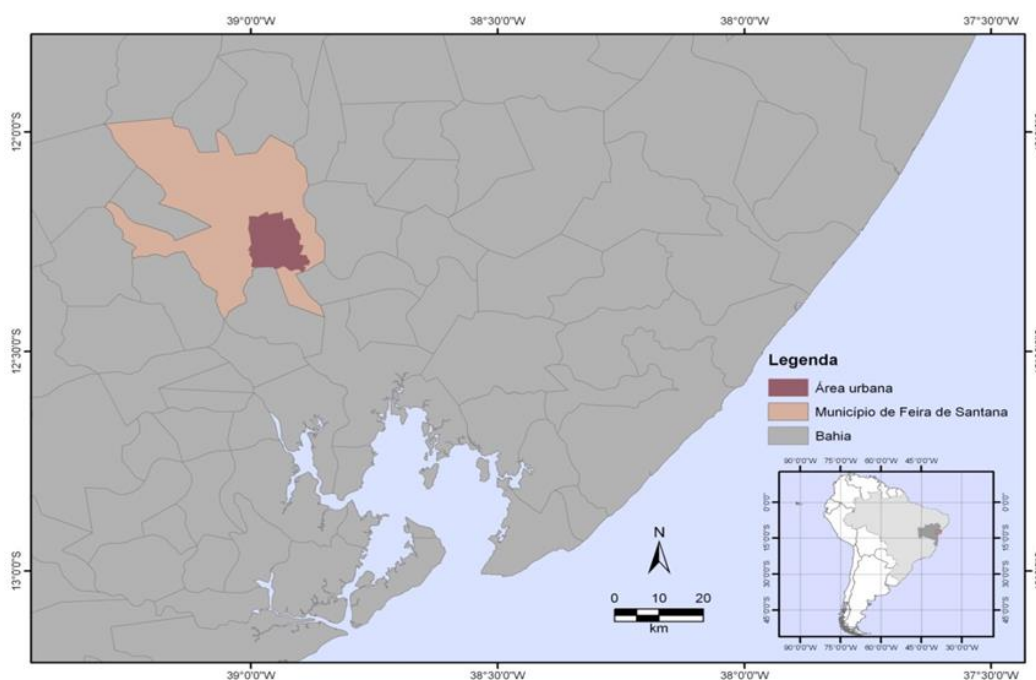


Figura 2: Localização da cidade de Feira de Santana no estado da Bahia.

Fonte: Gomes, 2011.

Conhecida popularmente como “princesa do sertão”, Feira de Santana hoje possui uma população total em torno de 556.642 habitantes, sendo que 91,7% desse total compõem a população urbana do município (IBGE, 2011). A partir desses índices a cidade foi definida como Capital Regional B pela pesquisa REGIC (Região de Influência das Cidades) (SANTOS *et al.*, 2011).

A cidade está situada em uma zona intermediária entre o litoral úmido (zona da mata) e o interior semi-árido (sertão) (SANTO, 2003). Possui uma vegetação predominantemente de Caatinga, um clima C2rAa (seco subúmido, megatérmico) e temperatura média de 24°C. A precipitação média está em torno de 848 mm anuais, concentrada no período do outono-inverno (ESTAÇÃO CLIMATOLÓGICA, 2006 *apud* SANTOS & ANDRADE 2008).

O seu relevo está classificado em pediplano sertanejo, tabuleiros interioranos e pré-litorâneos, cortados pelos rios Jacuípe, Subaé e do Cavaco, que servem às bacias hidrográficas Paraguaçu e Subaé. Os solos que podem ser encontrados no município são planossolos solódicos eutróficos, alissolos distróficos ou eutróficos, latossolos distróficos e neossolos litólicos eutróficos (MINISTERIO DE MINAS E ENERGIA, 2005).

4.2 Coleta de dados:

A cidade de Feira de Santana foi escolhida para a realização da pesquisa por apresentar alguns critérios importantes como: aumento da diversidade de populações de animais silvestres em processo de sinurbização, como foi representado no trabalho de MARQUES (2005a), que inclui dados referentes a esse fenômeno pela observação da convivência de pessoas e animais no ecossistema urbano do município, observando-se as relações biofóbicas com o mamífero *Didelphis albiventris* (sariguê) e biofílicas com a ave *Fluvicola nengeta* (lavandeira).

As atividades de campo iniciaram-se em fevereiro de 2012 e se estenderam até agosto do mesmo ano. A pesquisa foi desenvolvida em três pontos de grande circulação de pessoas; Centro de Abastecimento, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Mercado de Artes (Fig. 3), sendo que todos os três pontos encontram-se no perímetro urbano do município.



Figura 3 :A. Vista interna do Centro de Abastecimento. **B.** Entrada da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). **C.** Vista externa do Mercado de Artes
(Fonte: Google)

As entrevistas foram realizadas com pessoas de diferentes grupos humanos (homens e mulheres, jovens e adultos) maiores de 18 anos, que residem na cidade de Feira de Santana há três anos ou mais e que já tenham visto pelo menos uma vez o sariguê na área urbana do município. No total foram entrevistadas 50 pessoas, com idade entre 18 e 74 anos. A amostragem foi realizada por método não-probabilístico, em parte recorrendo-se ao tipo amostral acidental.

Essas entrevistas sempre foram precedidas com a identificação da pesquisadora, uma breve explicação dos objetivos do trabalho, a apresentação do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) (apêndice 1) e por um pedido de permissão para que o entrevistado participasse voluntariamente da pesquisa. As entrevistas foram gravadas utilizando gravador digital e transcritas de forma *verbatim* (transcrição que reproduz o mais fielmente cada palavra dita).

As coletas de dados foram feitas em duas etapas, sendo que no primeiro momento ocorreram visitas a área de estudo para reconhecimento, onde também foram estabelecidos contatos prévios informais com os trabalhadores dos locais com a finalidade de obter

informações sobre os aspectos gerais da biologia dos sariguês, sua distribuição geográfica e frequência de ocorrência na cidade e também para estabelecer o *rapport* (relação de confiança mútua entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa).

Na segunda etapa foram realizadas 32 entrevistas semi-estruturadas com os moradores; para isso utilizou-se um roteiro com perguntas pré-estabelecidas (apêndice 2) a fim de detectar suas relações, atitudes, crenças, sentimentos e comportamentos que esses entrevistados exerciam em relação aos sariguês.

Em seguida, foram realizadas 18 entrevistas visualmente estimuladas, onde a pesquisadora apresentou um *kit* fotográfico (apêndice 3) contendo 10 fotos de sariguês em diferentes situações (biofilia e biofobia) às pessoas, pedindo que as mesmas falassem livremente sobre suas experiências, sentimentos e relações com os sariguês. Também foram feitos registros fotográficos de vestígios encontrados (Fig. 4) e por avistamentos diretos do animal (Fig. 5).

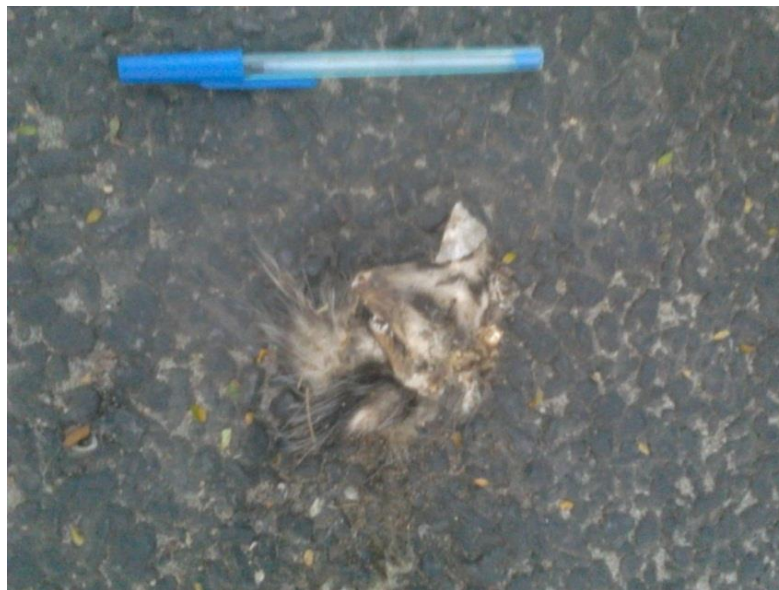


Figura 4: Sariguê atropelado na Universidade Estadual de Feira de Santana.



Figura 5: Sariguê encontrado em um balde de lixo de um morador da área urbana de Feira de Santana.

Além desses registros, também foi feita uma observação direta da preparação para consumo humano da carne do sariguê por fotografias e vídeo. Esses registros compõem a etnografia visual, que consiste em descrever a atividade por fotografias e legendas (ALVES, 2004; SOUTO, 2004; MARTINS, 2008; BORGONHA & PINHEIRO, 2010), assim relatando a atividade numa abordagem contextualizada através da prática da antropologia visual, do uso da fotografia e do vídeo, sob nova perspectiva (ALVARENGA, 2009) que será apresentada neste trabalho posteriormente. Todo o material gravado e transcrito encontra-se guardado no Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia da Universidade Estadual de Feira de Santana¹ (LETNO).

4.3 Análise de dados

O presente estudo trata-se de uma pesquisa eminentemente qualitativa (MAXWELL, 1996). O conjunto das informações foi tratado como “sujeito coletivo” (LEFÉVRE, 2000) realçando também as discrepâncias. Buscando-se as representações sociais, também foi utilizada a técnica da “união das diversas competências” de WERNER & FENTON (1973). No entanto, a de “informação reunida em partículas” de EVANS-PRITCHARD (2007), que considera cada informante como uma fonte de conhecimento também foi empregada.

¹ Laboratório de Etnobiologia (LETNO), LABIO sala 4. Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana. Av. Universitária, s/n - Km 03 da BR 116, Campus Universitário. CEP: 44031-460. Feira de Santana - BA – Brasil.

Alguns dados relevantes foram analisados por meio de quantificação parcimoniosa das informações obtidas nas entrevistas, assim sendo representadas apenas por estatística descritiva, representações gráficas e tabelas.

A partir das falas dos entrevistados montou-se um discurso “coletivizado” e transcrito (MARQUES, 2005b) seguindo o modelo de união das diversas competências sugerido por WERNER & FENTON (1973); esse discurso foi obtido através de “colagem”, ou seja, cruzamento de textos de várias entrevistas formando um discurso etnopoético (FICHTE, 1987).

A etnopoesia proposta por Hubert Fichte (1987), é constituída a partir de experimentos em que antropologia e literatura se fundem, formando um processo de conhecimento e construção da realidade social (ROCHA, 2001), assim o texto etnopoético ganha vida, tornando-se referência não de uma realidade determinada *strictu sensu*, mas de um imaginário social.

O discurso etnopoético tem como objetivo estabelecer uma conexão entre a poesia e o conhecimento científico, assim de maneira criativa é possível elaborar um discurso com a fusão da linguagem etnográfica com a poética (ROTHENBERG, 2002).

Para a elaboração do discurso etnopoético é preciso reunir os textos provenientes das entrevistas realizadas, e assim montar um texto único contendo as informações mais relevantes (discurso coletivizado e transcrito) ou usar apenas uma entrevista e a partir de cada pergunta que foi realizada, montar um texto coerente e informativo (discurso individualizado e transcrito). Similarmente discursos “individualizados” e transcritos também foram obtidos por colagem etnopoética.

Os dados obtidos também foram trabalhados através de uma abordagem emicista/eticista, na qual os conhecimentos populares (pontos de vista dos entrevistados) foram comparados com aqueles correspondentes e/ou correlacionados na literatura científica gerando-se quadros de cognição comparada (MARQUES 1995).

Com o material proveniente da observação direta foi montada uma etnografia visual buscando-se compreender as relações culturais, locais e pessoais do entrevistado com o animal pesquisado.

A partir das imagens produzidas pela pesquisadora, foi possível compreender a ligação entre aquilo que é falado, e o que de fato é visto, fazendo o imaginário tomar forma do que realmente ocorre no cotidiano pouco conhecido dos grandes centros urbanos (BORGONHA & PINHEIRO, 2010).

***RESULTADOS E
DISCUSSÕES***

5. Resultados e discussões:

5.1 Caracterização profissional dos entrevistados:

Das 50 entrevistas realizadas, todas alcançaram respostas sobre qual profissão o participante exercia e se nasceram na área urbana de Feira de Santana.

No total foram entrevistadas 22 mulheres entre idades de 18 a 74 anos e 28 homens entre 18 e 71 anos, sendo 29 nascidos no município de Feira de Santana e 21 em outras cidades. Entre as mulheres as profissões mais exercidas foram: comerciante, dona de casa, professora e serviços gerais. Para os homens a preeminência foi: comerciante e estudante.

Assim na relação geral da caracterização profissional dos entrevistados observou-se que houve uma predominância para a atividade dos comerciantes (Fig. 6), tal fato pode estar relacionado por a pesquisa ter sido desenvolvida em três pontos de grande circulação de pessoas, sendo dois pontos de alta comercialização (Centro de Abastecimento e Mercado de Artes).

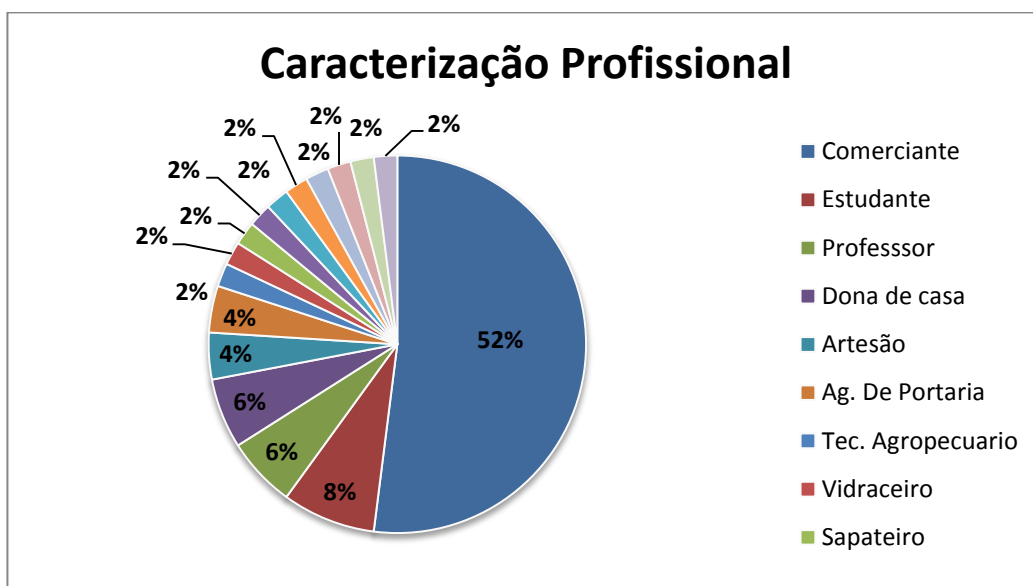


Figura 6: Profissões exercidas obtidas através das respostas dos 50 entrevistados.

5.2 Registro de ocorrência e observação de freqüência dos sariguês pelos moradores locais:

As últimas décadas testemunharam uma tendência crescente de aves e mamíferos colonizarem mais e mais as cidades. Isso denota um ajuste para as populações de animais silvestres às condições específicas do ambiente urbano (BABIŃSKA-WERKA *et al.*, 1979 *apud* LUNIAK, 2004).

Nessa etapa do trabalho, os registros de ocorrências de *Didelphis* não foram feitos somente através de entrevistas, outros métodos também foram utilizados, como: registros visuais por avistamentos diretos, encontro de vestígios e animais mortos ou atropelados (Fig. 7). Juntas, estas técnicas revelaram a ampla distribuição geográfica que essas espécies tem na cidade.



Figura 7: **A.** Filhote de Sariguê encontrado na residência do entrevistado. **B.** Sariguê encontrado no quintal da casa do entrevistado. **C.** Carcaça de sariguê encontrado na UEFS. **D:** Sariguês morto no meio da rua de um bairro urbano de Feira de Santana.

O município de Feira de Santana possui 41 bairros no seu perímetro urbano. A partir das informações obtidas nas entrevistas e pelos outros registros realizados, como fotografias e vestígios encontrados, foram observadas a ocorrência de sariguês em 23 bairros da cidade (Fig. 8).

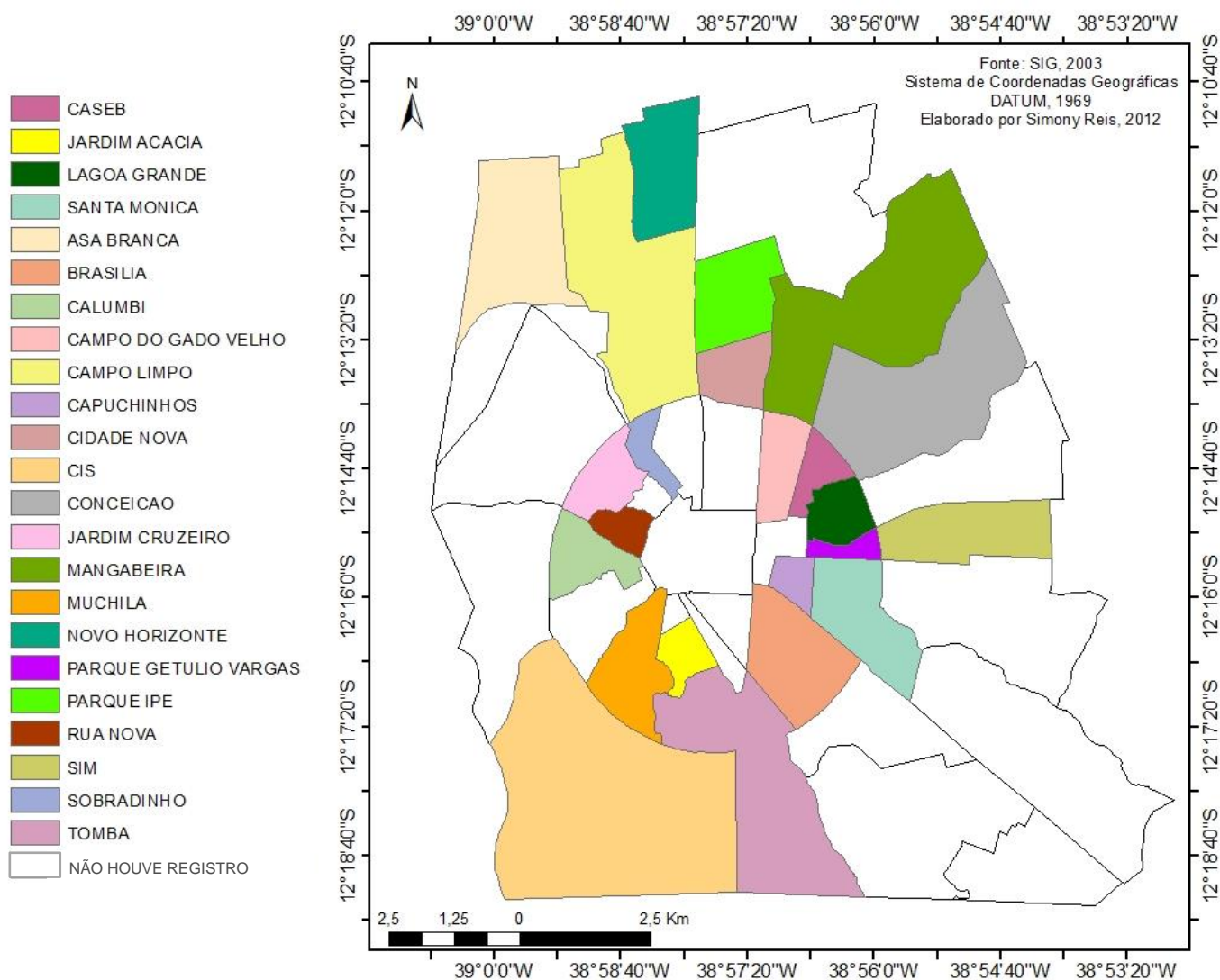


Figura 8: Mapa da distribuição geográfica dos sariguês na parte urbana da cidade de Feira de Santana.

A análise da frequência de observação dos entrevistados em relação aos sariguês na área urbana da cidade foi elaborada a partir das ocorrências relatadas nos discursos dos entrevistados. Com os resultados obtidos, observou-se que as respostas sobre a frequência

que os sariguês apareciam nas residências, mostraram que foi predominantemente comum a ocorrência do animal nas localidades (Fig. 9) como mostra os trechos abaixo:

“Existe sariguê onde eu moro, vai todo dia se deixar pegar os pintos”
(L., 30 anos)

“Existe, existe bastante sariguê lá em casa... toda noite aparece sariguê por lá”
(Dona D. , 62 anos)

“O que mais tem lá onde eu moro é sariguê”
(Seu J., 62 anos)

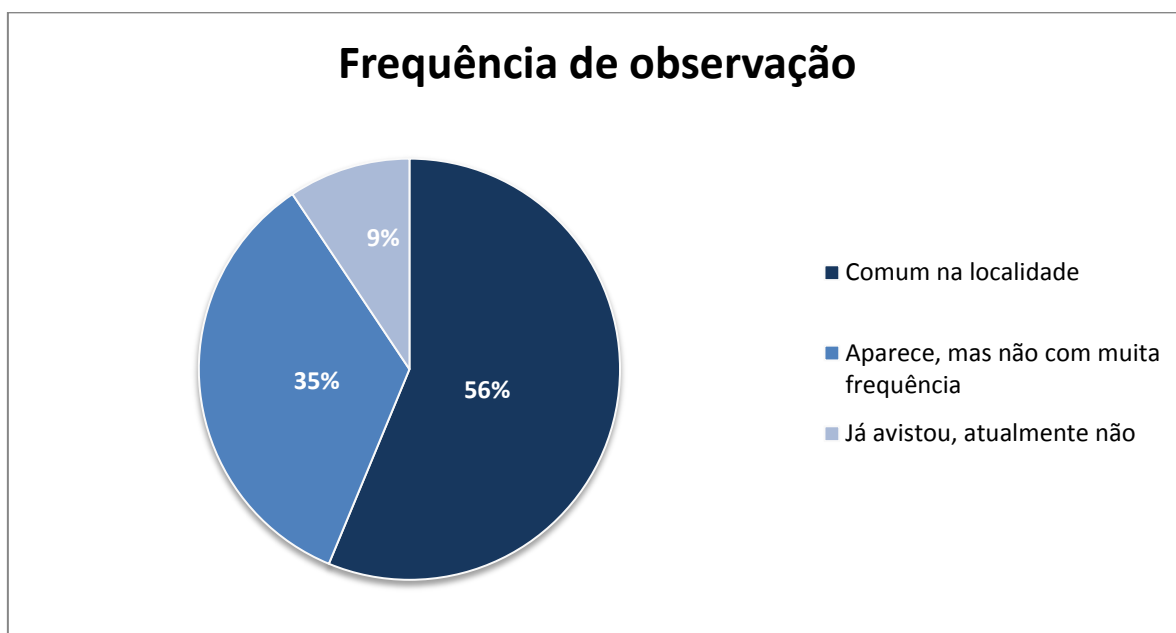


Figura 9: Frequência de observação dos sariguês nos bairros segundo as respostas dos roteiros analisados.

Essa ampla distribuição pode estar associada pela alimentação abundante que os centros urbanos favorecem a esses animais, fato que facilitou muito a sua imigração e adaptação a esse ambiente com distúrbios antrópicos (FONSECA, 2003). A morfologia do sariguê também ajudou na sua vinda para as cidades, pois esses animais podem se locomover tanto no solo quanto nas árvores (CÁCERES & MONTEIRO-FILHO, 1996).

5.3 Sentimentos, atitudes e crenças da população urbana sobre os sariguês:

O relacionamento entre homens e animais é uma instituição complexa iniciada nos primórdios da história da humanidade (FARACO, 2004), ou seja, as atitudes humanas relacionadas aos animais evoluíram muito antes das primeiras tentativas de retratá-los tanto nas artes e na história quanto nas ciências (SAX, 2001).

O homem manifesta sentimentos ambivalentes quanto aos animais (inveja, humilhação, rejeição, exaltação), projetando neles ódio, desejo, paixão, medo e temor, assim na maioria das vezes os atribuindo a um símbolo (HONECKER ,1997 *apud* GONÇALVES & REGALADO, 2007) .

A partir da aplicação das técnicas das entrevistas semi-estruturadas e visualmente estimuladas foi possível perceber as relações afetivas que os entrevistados tinham com os sariguês e suas atitudes com o animal.

Dentre as 50 entrevistas realizadas, emergiram quatro sentimentos (biofobia, biofilia, neutralidade e ambivalência) dos entrevistados referentes aos *Didelphis*. Foi elaborada uma categoria especial para entrevistas improdutivas (discursos que não expressaram nenhum sentimento). Para classificar esses sentimentos foi gerado um sistema de análise para distinguir cada sensação emocional (Tabela 1):

Tabela 1: Sentimentos encontrados nas entrevistas.

TIPO DE SENTIMENTO	ETIMOLOGIA	EXEMPLO*
BIOFOBIA	Sensação de medo, pavor diante do animal.	<i>“Eu tenho assim pavor a eles.”</i> <i>“Misericórdia, chega me dá uma “ginge””.</i>
BIOFILIA	Admiração ou atração pelo animal.	<i>“Eu sinto como se fossem meus filhos, assim pequenininhos”</i>
NEUTRALIDADE	Sensação de imparcialidade diante do animal	<i>“Não sou contra nem a favor, pra mim é um bicho que o pai celestial deixou e que não tem nenhuma importância”.</i>
AMBIVALÊNCIA	Sensação de sentimentos	<i>“Eu acho bonito, mas eu sinto uma coisinha ruim também”.</i>

² Expressão informal utilizada na Bahia que significa arrepio causado por uma emoção, calafrio, frenesi ou desconforto neurológico provocado por um ruído ou sensação tátil.

	conflitantes de medo e atração pelo animal.	
IMPRODUTIVOS	Nenhum sentimento pelo animal	<i>“Não tive medo quando vi o sariguê, pra mim ele é um bicho normal”.</i>

*Os exemplos colocados foram colhidos das entrevistas realizadas.

Das entrevistas realizadas, 23 moradores (46%) (Fig. 10) mostraram não ter afeição pelo sariguê.

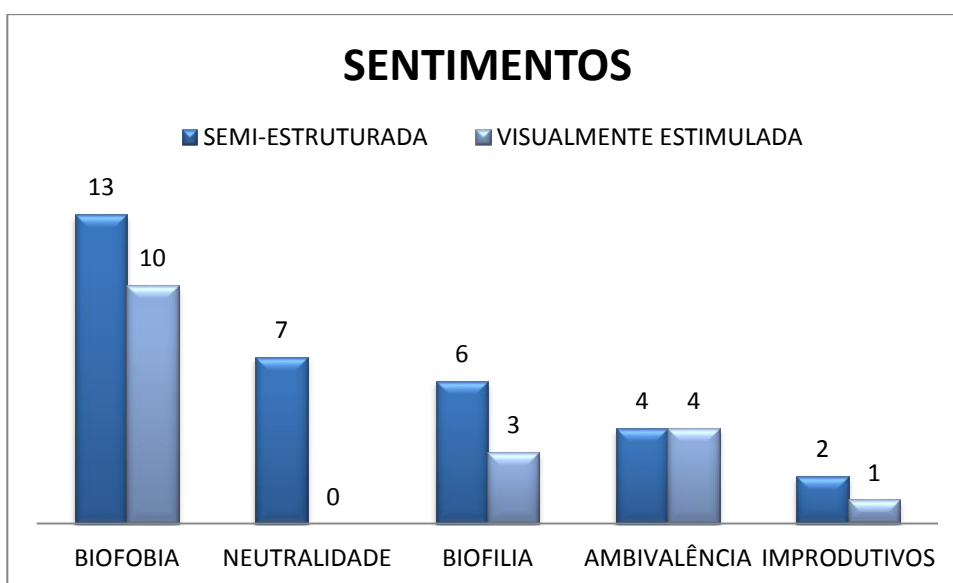


Figura 10: Representação dos sentimentos dos moradores urbanos de Feira de Santana.

Com a análise das entrevistas também foi possível elaborar discursos individualizados expressando a biofobia e biofilia (Tabela 3) dos entrevistados em relação aos sariguês:

BIOFOBIA	BIOFILIA
<p><i>“Isso é um sariguê.</i></p> <p><i>Eu não gosto muito dele não, tenho um pouco de medo.</i></p> <p><i>Porque é arriscado dele morder uma pessoa e dizem que ele come pinto e galinha.</i></p> <p><i>Ele nunca invadiu a minha casa não.</i></p> <p><i>Nossa senhora, se aparecer um em minha casa eu disparo.</i></p> <p><i>Eu corro e largo ele lá. Uma vez eu já matei ele de água quente.</i></p> <p><i>Piquei água quente e deixei ele lá se bolindo igual a rato.</i></p> <p><i>Eu encontrei ele no quintal, perto do esgoto.</i></p> <p><i>Tenho nojo dele, como é que não senti nojo vendo um negocio desse?</i></p> <p><i>Não tem como dizer que um bicho desse é bonito não.</i></p> <p><i>Feio, parecendo um rato.</i></p> <p><i>Eu não tenho coragem de pegar nele não.</i></p> <p><i>Tenho coragem de matar.</i></p> <p><i>Se aparecer um aqui eu chuto pro meio da estrada para o carro passar por cima”.</i></p>	<p><i>“Já vi um sariguê.</i></p> <p><i>Acho o sariguê normal, um bichinho como qualquer outro.</i></p> <p><i>Gosto dos sariguês.</i></p> <p><i>Não deixo maltratarem , as vezes eu vejo algum que mataram por lá e até reclamo, mas</i></p> <p><i>As pessoas não matam pra comer, não... É porque eles estão comendo os pintos, geralmente por que estão comendo os pintinhos ou bebendo os ovos ai o pessoal mata.</i></p> <p><i>Matam com fogo, tem gente que toca fogo ou então com pedra, pau o povo bate assim, mata assim.</i></p> <p><i>Tem gente que pega e come, outros jogam fora, no lixo.</i></p> <p><i>Se um sariguê entra na minha casa colocava pra fora, normal.</i></p> <p><i>Eu como gosto dos animais procuro a forma mais pratica, vou tangendo aos poucos, colocando até ele sair, não maltrato nenhum. Não maltrato nenhum dos bichinhos”</i></p>

O sentimento de atração e admiração (biofilia) pelos sariguês foram revelados em 14% das entrevistas. A biofilia é um atributo humano e se apresenta de forma espontânea nas crianças e adultos. Porém, precisa ser cultivada, incentivada e, principalmente, praticada (FILGUEIRAS, 2007).

Os entrevistados que declararam ter um sentimento biofilico pelos sariguês exibiram que essa relação afetiva perante o animal, foi em parte, instintiva ou aprendida, possivelmente por já terem tido algum contato anterior com o animal que não fosse traumática.

“Eu gosto muito da natureza, eu acho que é um animal (sariguê) como qualquer outro que pode e deveria ser respeitado”.

(Senhor N., 49 anos)

“[...] eu não tenho preconceito nenhum de estar criando um bichinho desse. Gosto dele e de todos os seres vivos”.

(Senhor R., 50 anos)

As atitudes de afetivas para com os animais diversificam-se segundo as tradições culturais nacionais. Na prática essas manifestações são ordenadas em uma escala de valores, geralmente inconsciente e explícita em espécies percebidas como as mais próximas do homem devido ao seu comportamento, fisiologia ou capacidade cognitiva (DESCOLA, 1998).

Para KELLERT & WILSON (1993) essas relações se constroem pelo fato dos seres humanos apresentarem uma forte tendência a se interessarem pelos seres vivos e pelos processos naturais que esses os mesmos passam, assim constituindo um relacionamento íntimo e espontâneo com eles.

A presença do sentimento de biofilia nas entrevistas revela que alguns moradores urbanos possuem uma aceitação da “convivência” pacífica com os sariguês, o que contribui para a conservação do mesmo. Esse sentimento positivo perante os animais é extremamente útil à humanidade e colabora de forma decisiva para sua sobrevivência, pois conduz à ideia de preservação dos ambientes e das espécies (FILGUEIRAS, 2007).

Em contra-partida, no extremo oposto, temos a predominância do comportamento biofóbico dos entrevistados que é claramente compreendida no caso dos sariguês, não só por sua anatomia diferenciada, mas pela proposição disseminada pelas pessoas a eles relacionadas, tais como o consumo acerbado de galináceos, ocasionando grande prejuízo econômico para os criadores (MARQUES, 2005a) colocando assim, esses animais em uma situação intolerante, preconceituosa e exclusivista.

Segundo NOMURA (1996), por vários motivos os sariguês são vistos, por toda parte, com antipatia, primeiramente corroborando com o simples fato do aspecto

desgracioso que os sariguês possuem, seguido pelo seus movimentos vagarosos, o mal cheiro que esses indivíduos exalam e o hábito sanguinário de matar galinhas.

Outro motivo que desperta essas relações de aversão e indiferenças, é por esses animais serem frequentemente confundidos com ratos ou ratazanas, assim sofrendo com as ações das populações urbanas, que ao longo dos anos foram perdendo a capacidade de se relacionar com outros seres vivos não domesticados, sendo esses indivíduos maltratados e até mesmos mortos pela população local.

Em meio a esses sentimentos positivos e negativos, temos os sentimentos ambivalentes, caracterizados pela presença concomitante de sentimentos contraditórios sobre o mesmo objeto (animal). Neste trabalho essas relações contraditórias mostraram-se presente no cotidiano dos moradores urbanos feirenses como mostra os trechos abaixo:

“Eu vou colocar ele pra longe, mas não vou matar não, mas intimidade com ele eu não quero não”.

(G., 22 anos)

“Ave Maria, aqui na foto é bonito, mas que é feio é”.

(Dona M., 55 anos)

Estas respostas podem ser justificadas pelo medo das pessoas em falar o que realmente sentem, especula-se que os entrevistados possam ter acreditado que a pesquisadora poderia ser de algum órgão público ou pelo simples fato de ficarem desconfortáveis de decidir o que sentiram de verdade naquele momento da entrevista.

- **Especismo:**

O especismo é caracterizado por atribuir valores ou direitos diferentes a seres dependendo da sua afiliação a determinada espécie, ou seja, o especismo é a discriminação baseada em espécies, de modo similar ao sexismo para o sexo e o racismo para a raça (OLIVIER, 1992).

Nas entrevistas realizadas, foi possível observar a discriminação que os sariguês sofrem como expressa o discurso coletivizado abaixo:

ILUSTRAÇÃO: Leandro Lopes



“O sariguê é horrível, horroroso; nojento, fedorento, fede como o diabo; come os ovos e os pintinhos, come as galinhas, até os passarinhos, ataca ninho de passarinho; ele é feio demais, é um negócio feio, tem os olhos feios; a mordida dele é que nem a do rato, ele não presta; é agressivo; pode até chupar o sangue da gente; criar ele dá prejuízo; o bicho é miserável; aquela merda não serve para nada; ele não presta, não vale nada; ele é um bicho que gosta de sujeira. Aquilo é um disgrama, é igual uma praga aquela miséria, o instinto dele é só matar; a intenção dele é matar, acabar com tudo”.

Os entrevistados relacionam os sariguês como animais inferiores principalmente pela sua aparência diferente e seu comportamento alimentar, o que conseqüentemente acarreta prejuízo aos criadores.

A conseqüência do especismo, segundo alguns teóricos, é a visão que as pessoas têm dos animais como meras propriedades, podendo dispor deles ao seu desejo, desde mantendo-os fechados em uma jaula até torturando-os para satisfazer a curiosidade, ou privando-os de sua vida para satisfazer o paladar, para vestir-se com suas peles ou por diversão (SINGER, 2004).

Para MARQUES (2005b) o caso do sariguê é claríssimo a respeito de não haver correlação entre sacralidade e ação conservacionista. O autor declara que não é por ser um animal tido como abençoado por Nossa Senhora, que se deixa de matá-lo com interesse e insistência.

A partir do sentimento biofóbico que os entrevistados expressaram em relação aos sariguês, também foram perceptíveis as atitudes agressivas das pessoas diante do animal (Fig. 11), apresentadas por experiências vividas com os mesmos.

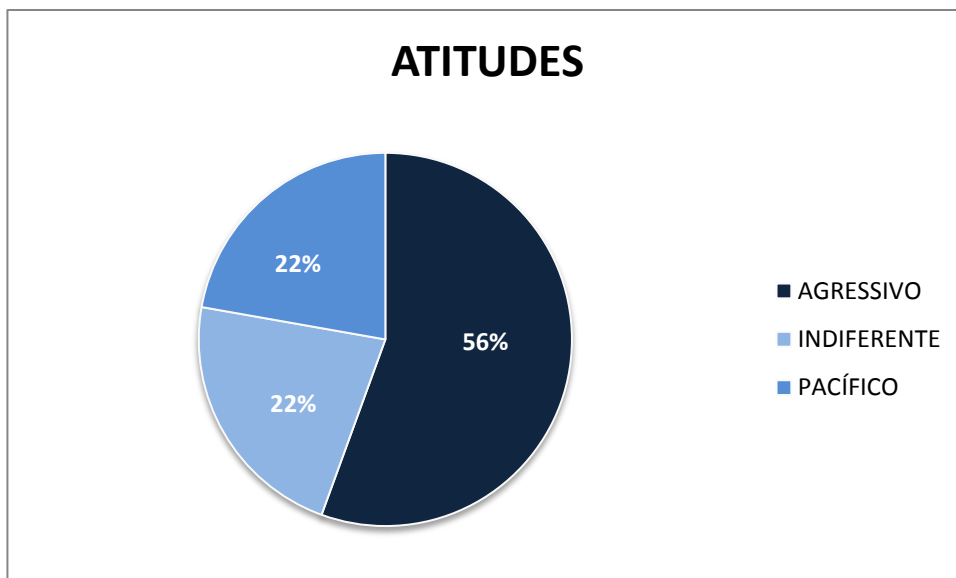


Figura 11: Representação das atitudes dos participantes para com os sariguês.

“Ele também matou os meus bichinhos, ai eu fiquei com raiva e matei mesmo”

(E., 34 anos)

“Jogo pra lá ou então acho que iria matar”

(M., 27 anos)

“Uma vez já matei ele de água quente... Pequei água quente e deixei ele lá se bolindo igual a rato”

(R., 20 anos)

“Eu me sinto alegre quando vejo um morto por lá”

(Dona E., 53 anos)

Com a análise dos discursos foi possível perceber quais os instrumentos utilizados pelos moradores (Tabela 4) para agredir os sariguês.

Tabela 4: Instrumentos utilizados pelos entrevistados para agredir os sariguês.

INSTRUMENTO DE AGRESSÃO	CITAÇÃO DOS ENTREVISTADOS
PAU	“Mata com pau minha filha, batendo na cabeça dele “pá”.
PEDRA	“[...] a gente dava pedrada , pegou essas pedras de paralelepipedo pra matar e não conseguimos”.
BADOGUE	“Os meninos matam com badogue , atirando na cabeça com badogue ”.
FOGO	“Tem gente que toca fogo no sariguê”.
ÁGUA QUENTE	“Uma vez eu já matei de água quente . Piquei água quente e deixei ele lá se bolindo igual a rato”.
CIPÓ	“Eu dei uma “ cipoiada ” de ferro, de cipó brabo ”.
OUTROS	“Os cachorros pegavam e a gente matava”.

Dos sete instrumentos citados pelos moradores, a categoria “pau” foi a mais citada (Fig. 12):

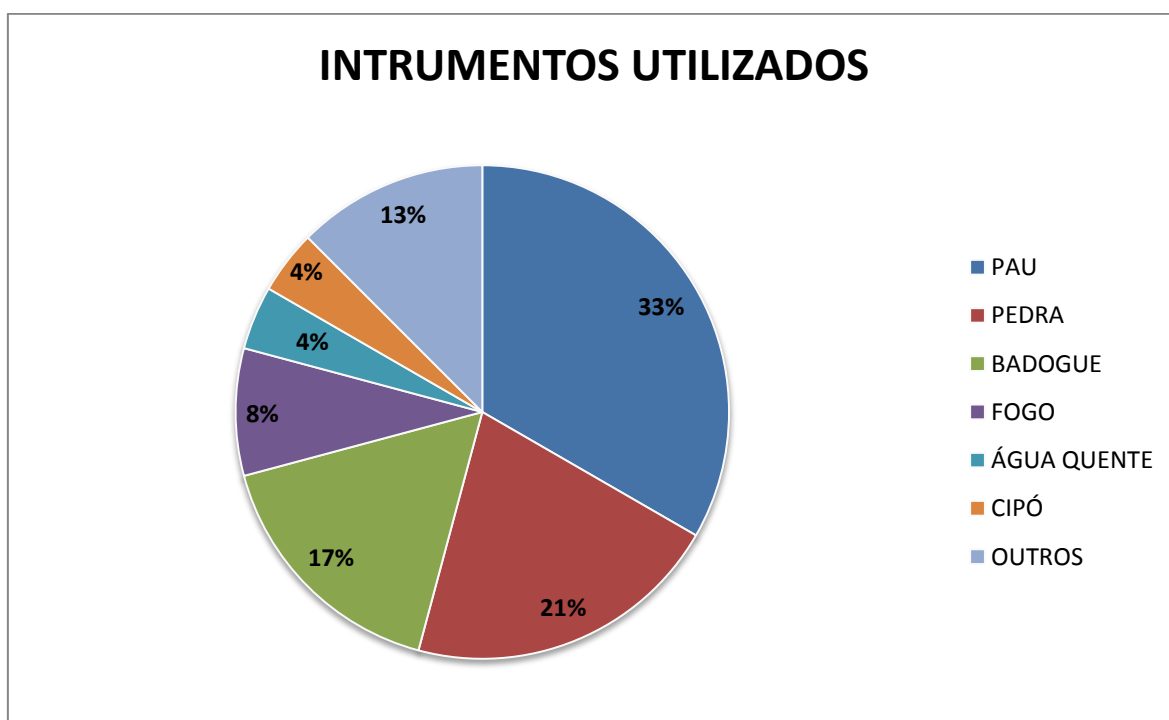


Figura 12: Representação dos instrumentos utilizados pelos moradores urbanos para agredir os sariguês.

Em geral, pode-se afirmar que devido a falta de conhecimento sobre os sariguês, a maioria da comunidade local entrevistada pensa ou tem atitudes agressivas com o animal. Talvez essas atitudes possam ser explicadas pelo fato do pouco contato que os moradores tem com os sariguês, agravado pela falta de conhecimento mais concreto de como agir com o animal.

- **Crenças:**

Os animais estão presentes em inúmeros contos e lendas de todo o mundo; nos brasileiros, insetos, sapos, serpentes, cágados, jabutis, teiús, jacarés, beija-flores, pássaros, garças, urubus, papagaios, onças, raposas, sariguê, macacos, veados e monstros de várias cabeças participam de aventuras, às vezes em auxílio aos seres humanos, em outras, a pregar-lhes peças (ROMERO, 2002).

Neste trabalho apenas duas crenças sobre os sariguês foram citadas: a crenças de Nossa Senhora e o sariguê, e do hábito do sariguê sugar o sangue das pessoas. A primeira crença, citada abaixo, foi mencionada em duas entrevistas (4%).

“Só sei essa história dele parir sem dor. “diz a lenda que ela, Nossa Senhora, estava andando com Jesus Cristo e faltou leite e ela(sariguê) tava parida, ai ela serviu o leite a Nossa Senhora, a sariguê fêmea, para alimentar Jesus Cristo, pra sobrevivência do menino. Ai Nossa Senhora disse a ela que era pra ela parir sem dor, por isso que os filhos é sempre por fora, não tem dor pra parir, ela pari sem dor. Não senti dor. E os filhinhos ficam por fora, num saco assim e ela gera o filho e aquele saco vai de acordo com os filhos vai nascendo o saco vai criando ali na pele da barriga, depois que os filhos saem aquilo cola na barriga, fica normal. Parecendo um filho de mulher que nasce cesáreo, depois que tira o menino a barriga cola de novo”.

(Seu J., 62 anos)

A riqueza das manifestações culturais populares está em sua diversidade, outra história de Nossa Senhora e a sariguê foi a de quando o Menino Jesus nasceu estava muito frio e escuro, Nossa Senhora já não sabia o que fazer para aquecer o humilde local do nascimento de seu filho, a sariguê então teria vindo em auxílio e colocado fogo na própria

cauda para deixar o estábulo mais iluminado e aquecido, por isso, a cauda dos nossos sariguês são “despeladas” (GABRIEL, 2010).

FAGUNDES (2003) conta em seu livro (Mitos e lendas do Rio Grande do Sul: folclore) outra história de fundo católico também relacionado as sariguês parir sem dor:

"Quando a Sagrada Família fugiu do Egito, porque o rei Herodes tinha mandado matar os piázinhos até soberano, lá pelas tantas, no meio da noite, Nossa Senhora, precisou fazer fogo. Juntou uns gravetinhos, mas muito cansada, assoprava pouco e mal e o fogo não pegava. Então, desesperada, ela perguntou:

- Não haverá uma criatura de Deus para assoprar esse fogo?

Foi aí que apareceu o Gambá, com oito filhos de sua ninhada e todos assoprando junto o fogo pegou. Agradecida, Nossa Senhora abençoou o Gambá, dizendo:

- Daqui por diante, tu vais ganhar os teus filhos sem as dores do parto, pela ajuda que me deu a tua família.

As lendas podem ser usadas como ótimas ferramentas para preservação das espécies, pois a credence popular muitas vezes salvam os animais de maus tratos ou até mesmo da morte devido a proteção dos tabus espécie-específicos, como no caso da lavadeira (*Fluvicola nengeta*) estudada por MARQUES (2005a) na cidade de Feira de Santana.

É interessante ressaltar um comportamento que foi citado por apenas um entrevistado, porém é um *meme*³ amplamente conhecido o hábito dos sariguê serem animais consumidores de sangue de outros animais, mas não sangue humano como declara o trecho abaixo:

“Os mais velhos que falavam isso, que sariguê se vacilar, possivelmente, pode chupar o sangue da gente”.

(B., 24 anos)

A crença do sariguê matar várias galinhas em uma noite para vampirescamente sugar o sangue das suas vítimas é descrita por vários autores (SANTOS, 1984; NOMURA,

³ De acordo com Dawkins (1972), memes são unidades de transmissão cultural, permitindo uma forma de compreender a replicação das informações culturais através de mecanismos não necessariamente genéticos.

1996; SALLES, 1970; IHERING, 1968) porém não foi encontrado nenhum registro que corrobora-se com a informação dita acima.

5.4 Comparação dos dados obtidos pela população local com dados técnico-científico:

*“Sagui trepado no pé da goiabeira.
Sariguê na macaxeira, tem inté tamanduá.
Minhas galinhas já não ficam mais paradas.
E o galo de madrugada tem medo de cantar”
(Raul Seixas)*

Nos últimos anos, diferentes aspectos da biologia dos *Didelphis* têm sido estudados em ambientes florestais (GENTILE *et al.*, 2000) e urbanos (CÁCERES & MONTEIRO, 2000). Contudo, pouco se sabe sobre a biologia desses indivíduos pela a ótica dos moradores urbanos.

De acordo com a realização e evolução das entrevistas semi-estruturadas e visualmente estimuladas foram emergindo categorias referentes aos aspectos biológicos e ecológicos dos sariguês. Foi possível detectar quatro categorias referente a esses animais, sendo elas: morfologia, reprodução, cronobiologia (ritmo biológico) e etologia.

5.4.1 Comparação com informações da população local dos aspectos biológicos e ecológicos dos sariguês:

Morfologia:

As características morfológicas são grandes aliadas na identificação e classificação das espécies (KAVALCO, 2012), sendo que o conhecimento empírico que os moradores dos centros urbanos têm quanto a morfologia de animais silvestres podem ser muitas vezes tão detalhados quanto os encontrados na literatura especializada (PEREIRA & LEME, 2011)

O formato do corpo e outras particularidades das estruturas morfológicas dos sariguês foram evidenciadas nas entrevistas, os resultados apontaram que os moradores urbanos de Feira de Santana possuem um conhecimento alicerçado sobre o assunto como mostra o discurso coletivizado abaixo:



“A cor do sarigüê é preto com branco, meio cinza; um cinza sujo; ele tem umas malhas preta e branca; a testa listrada; listras por cima do lombo, descendo para as patas, mãos e pés; ele pode ser também marrom; acastanhado assim meio alaranjado; com as partizinhas pretas; tem um cabelo meio grosso; não muito crespo; os pelos dele não são muitos juntos; o pelo dele é aberto;

meio arrepiado; o rabo dele é liso, fino e alongado; a pontinha do rabo dele é branca; o rabo dele parece o de um gambá; ele parece uma mistura assim meio de rato; uma mistura de ratazana com porco; é essa a aparência dele, uma aparência estranha; ele tem as unhas grandes; ele tem uns 30 cm depois do rabo até a cabeça; o tamanho assim de um gato, de um gatinho pequeno; a cabeça afinada; na cabeça eles tem aqueles fios assim parecendo um “bigodão”; tem a orelha comprida; o focinho pontudo e fino; uma focinheira assim meio porco, meio rato; eles são grandes”

A partir das análises dos discursos foi possível elaborar uma tabela de cognição comparada (Tabela 5):

Tabela 5: Cognição comparada com relação à morfologia dos sarigüês, segundo a percepção dos moradores urbanos do município de Feira de Santana, Bahia

	INFORMAÇÃO ÊMICA	INFORMAÇÃO ÉTICA
PADRÃO DE COR	<p>“[...] ele é <u>meio acizentado com umas partes assim branca</u>”.</p> <p>“[...] é tipo <u>cinza</u> e os “<u>pelo</u>” dele é <u>branco</u>. As “<u>ponta</u>” do pelo é <u>branca</u>”.</p> <p>“[...] ele tem uma parte <u>meio esbranquiçada</u>, a parte de baixo. A parte de cima é assim um pouco <u>cinza, uma cor mais escura</u>”.</p>	<p>“Os <i>Didelphis albiventris</i> possuem variações consideráveis na coloração, com alguns indivíduos <u>mais escuros</u> do que outros. Ainda assim <u>predomina a coloração grisalha</u>, conferida por <u>pelos esbranquiçados</u>” (VOSS & JANSÁ, 2003).</p>

PADRÃO DE COR	<p>“[...] <u>tem uns que são preto com as rajadas brancas, e uns pretos com as rajadas amarela</u>”.</p> <p>“[...] <u>ele era assim mais ou menos marrom, assim meio alaranjado com umas partizinhas pretas</u>”.</p>	<p>“ O gambá-de-orelha-branca (<i>Didelphis albiventris</i>) apresenta uma coloração geral com tonalidades que variam de <u>cinzenta a negra com a cabeça e o pescoço brancos, ou amarelo-esbranquiçado.</u>”(MIRANDA <i>et al.</i>, 2009).</p> <p>“<i>Didelphis aurita</i> possuem uma coloração negra ou grisalha dorsalmente e creme-amarelada ventralmente, semelhante <i>D. albiventris</i>.”(REIS <i>et al.</i>, 2009).</p>
	<p>“<u>O pelo é assim grosso</u>”.</p> <p>“[...] <u>pelos não muito crespos, pelo muito grosso; Não muito juntos, o pelo dele é aberto, meio arrepiado um pouco</u>”.</p>	<p>“Os representantes do gênero <i>Didelphis</i> possuem uma <u>pelagem espessa, formada por pelos curtos e longos</u>”. (REIS <i>et al.</i>, 2009).</p>
	FOCINHO	<p>“<u>Ele tem assim como se fosse um “bico” de porco</u>”.</p> <p>“<u>O focinho é meio fino</u>”.</p> <p>“<u>Ele tem um focinho assim meio afinado</u>”.</p>
ORELHA	<p>“<u>Tem a orelha comprida</u>”.</p> <p>“<u>Tem a orelha pontuda</u>”.</p>	<p>“Apresentam <u>orelhas grandes, nuas e membranosas</u>”. (FREIRE, 1997).</p>
CABEÇA	<p>“<u>Na cabeça eles tem aqueles fios assim parecendo um “bigodão</u>”.</p> <p>“[...] <u>ele tem uma listra preta no rosto, na cabeça</u>”.</p>	<p>“[...]Apresentam <u>vibrissas bastante desenvolvidas</u>”. (ROSSI <i>et al.</i>, 2006)</p> <p>“Os <i>D. albiventris</i> <u>possuem a cabeça branca com detalhes negros na face (da orelha para os olhos) ou um anel negro ao redor dos olhos</u>” (BRAZIL, 2010).</p>

TAMANHO DO CORPO	“[...] <i>tem mais ou menos assim uns <u>30 cm</u> depois do rabo até a cabeça</i> ”.	“Segundo TORQUETTI <i>et al.</i> , (2007) os <i>Didelphis</i> são considerados animais de <u>pequeno a médio porte</u> ; [...] com <u>comprimento da cabeça-corpo entre 30,5 a 89 cm.</u> ” (ROSSI <i>et al.</i> , 2006).
CAUDA	“[...] <i>a ponta da cauda era branca</i> ”. “ <i>O rabo dele é pelado</i> ”. “ <i>O rabo é liso</i> ”. “[...] <i>ele tem um rabo assim fino, parecendo o de um rato</i> ”.	“Sua cauda é preênsil e negra em sua maior parte e branca na ponta provida de pêlos em até dois terços basais, sendo o restante nu.” (VOSS & JANSKA, 2003).

De uma forma geral, no que se refere à morfologia dos sariguês, há uma grande correspondência entre os conhecimentos êmico com o que aborda as referências da literatura.

Foram também identificadas discrepâncias nas categorias taxonômicas referidas ao sariguês pelos entrevistados, sendo os *Didelphis* referenciados como outros animais como mostram os trechos abaixo:

“ *O sariguê parece uma raposa*”

(Dona V., 74 anos)

“*O sariguê é da mesma família do rato ... ali é da família do roedor*”

(L., 27 anos)

“*Ele parece tipo uma préa*”

(Dona G., 48 anos)

“*O fedor disso é “horrivi”, fedor desse inseto minha filha*”

(Dona T., 66 anos)

No caso dos sariguês essa ligação pode está relacionada com alguns fatores como: abundância dos sariguês naquele local; sensação tátil; sensação visual; idéia de sujeira ou limpeza referente ao animal; crença na resistência dos sariguês; os prejuízos que esses animais possam trazer; desconforto que possa gerar; aparência; e conhecimento ou desconhecimento sobre o animal (MORALES *et al.*, 1997)

No Mato Grosso, São Paulo, Santa Catarina e Paraná os *Didelphis* são conhecidos como “raposa ou raposinha”, essa nomenclatura procede do castelhano antigo *rabosa rabo* (FERREIRA, 1986; SILVA & ROSSI, 2003), talvez os sariguês sejam chamados de raposa pela "semelhança" relacionada a eles como o formato da cabeça, com focinho esguio, orelhas longas e pontiagudas e devido às pernas serem curtas em relação ao corpo.

Os sariguês também são frequentemente confundidos com ratos e preás, possivelmente pela suas semelhanças morfológicas como: cauda comprida, padrão da pelagem, focinho alongado, presença de vibrissas, orelhas compridas, tamanho corporal e patas curtas.

A denominação inseto pode está ligada a questão dos seres humanos de projetar sentimentos de novidade, periculosidade, irritabilidade, repugnância e menosprezo a animais não-insetos (COSTA-NETO, 1999).

A partir dos registros fotográficos realizados foi possível identificar uma espécie ocorrente na cidade, *Didelphis albiventris* vulgarmente conhecida como sariguê-de-orelha-branca; essa espécie é tipicamente encontrada na caatinga (FONSECA *et al.*, 1996) e sua identificação taxonômica foi feita por um especialista acadêmico⁴.

Reprodução:

A anatomia dos órgãos genitais e o ciclo reprodutivo das fêmeas marsupiais quando comparados a outros mamíferos eutérios e placentários possuem muitos aspectos diferentes (GONÇALVES *et al.*, 2009) que despertam a curiosidade humana.

Partindo desse contexto, foi possível investigar e registrar o conhecimento empírico que os entrevistados tem sobre o tema. Das entrevistas realizadas, praticamente todas alcançaram respostas sobre algum aspecto ou fase da reprodução dos sariguês como revela o discurso coletivizado abaixo:

⁴ Especialista acadêmico consultado: Professor Dr. Téo Veiga, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).



“Existe assim uma certa diferença da sariguê fêmea e do sariguê macho; a sariguê fêmea ela tem uma bolsa na barriga; um saco como se fosse uma placenta, uma capa; aquela capa ali, ele vai crescendo, pegado na mãe sariguê; ela quando pare, os filhotes ficam

dentro da bolsa pra conservar; tipo um canguru; a bolsa é feita do couro dela mesma; ai os filhotes ficam dentro, entre as pernas e o meio da barriga; ali eles vão crescendo; a mãe sariguê vai alimentando eles dentro da bolsa; e quando os filhotes estão já grandinhos e já nascendo os pelinhos, eles começam a sair; ficam assim com a cabeça do lado de fora; a sariguê anda assim com os filhotes; os filhotes quando saem da barriga a bolsa fecha; parecendo um filho de mulher que nasce cesário; depois que tira o menino a barriga cola de novo.”

Uma das estruturas mais citadas pelos entrevistados foi o marsúpio (bolsa ventral) (Fig 13), sendo também referido como bolsa ou saco. Essa estrutura é a principal característica marcante que define os marsupiais dos outros mamíferos.



Figura 13: Imagem de um sariguê carregando sua cria no marsúpio, destaque na abertura da estrutura com filhotes no seu interior.

Essa estrutura consiste em uma bolsa cutânea cuja função é proteger e alimentar a prole de modo que possa completar o seu desenvolvimento embrionário e pós-natal (Cupul-Magaña, 2003).

O período gestacional dos gambás varia de 12-14 dias e os filhotes terminam o seu desenvolvimento no marsúpio. Este período é considerado como uma gestação externa por alguns autores. O marsúpio localiza-se na região abdominal caudal, possui forma de ferradura e em seu interior observam-se as papilas mamárias em forma de “U” (SAMOTO *et al.*, 2006).

- **Cuidado parental:**

Chama-se de cuidado parental todo o comportamento que um ou ambos os progenitores de uma dada espécie realizam para assegurar que sua prole sobreviva até adquirir sua independência física, assim aumentando a probabilidade de sobrevivência dos seus descendentes, refletindo o sucesso reprodutivo da espécie (MEDEIROS & ALVES, 2010).

O comportamento reprodutivo dos sariguês mostrou-se conhecidos pelos moradores, os mesmos souberam distinguir o período que os filhotes nascem e como as mães comportam-se.

“Eu vejo os pequeninhos na bolsa mais na época de janeiro e fevereiro”.

(J., 40 anos)

“A maioria das vezes que a gente vai tanger a sariguê cai os filhotes, mas depois a gente deixa lá, aí a sariguê vem e pega os filhotes de novo. Ela volta e bota eles na bolsa”.

(S., 32 anos)

“Ele ficava chiando, “ele” tava com os “fiotes”, acho que tava tentando proteger os “fiotes” [...] quando eu tava chegando perto, próximo dele, ele fazia esse barulho”.

(J., 31 anos)

O estudo realizado por GRAIPEL & SANTOS-FILHO (2006) no ambiente periurbano da Ilha de Santa Catarina com *Didelphis aurita*, revelou que o período de crescimento dos filhotes permanecendo no marsúpio foi no mínimo até o mês de janeiro, sendo que esse período foi semelhante em outros estudos com a espécie (CERQUEIRA *et al.*, 1993; CHEREM *et al.*, 1996; CÁCERES & MONTEIRO-FILHO, 1997).

O cuidado parental dos didelfídeos é exclusivamente realizado pelas fêmeas (BRITES, 2011), deste modo, logo após o nascimento os filhotes acompanham a mãe dentro do marsúpio, esta aproximação torna-se menor conforme os filhotes vão crescendo e tornando a sua área de vida mais ampla e diversificada (CÁCERES & MONTEIRO-FILHO, 1997).

Depois de atingirem o desenvolvimento adequado, esses filhotes ainda conservam-se grudados na mãe, porém prendem-se firmemente à pelagem ou à cauda da sua genitora e só buscam o marsúpio ao sentir fome, ou quando, aterrorizados procuram abrigo seguro (SANTOS, 1984).

A reunião das informações fornecidas pelos entrevistados mostraram-se consistentes com as informações encontradas na literatura.

Cronobiologia (Ritmo Circadiano):

A Biologia do Tempo denomina-se como cronobiologia; esse ramo da biologia surgiu em 1729, quando Jean Jacques d'Ortous Mairan mostrou que o ritmo diário de abertura e fechamento de folhas nas plantas era mantido mesmo no escuro constante, deste modo, esta ciência investiga os padrões de ritmicidade biológica e da interação desta com a ritmicidade ambiental. No entanto, apenas no séc. XXI começaram a ser descobertos elementos essenciais para o entendimento dos ritmos em mamíferos, com a descrição dos mecanismos moleculares de funcionamento do relógio biológico e da existência de uma via de percepção de luz (MARKUS *et al.*, 2003).

Praticamente todos os entrevistados souberam dizer o horário em que avistaram os sariguês, porém houve algumas discrepâncias em relação ao seu horário de atividade (Fig. 14) o que pode evidenciar um provável desequilíbrio do ritmo circadiano desse indivíduos.

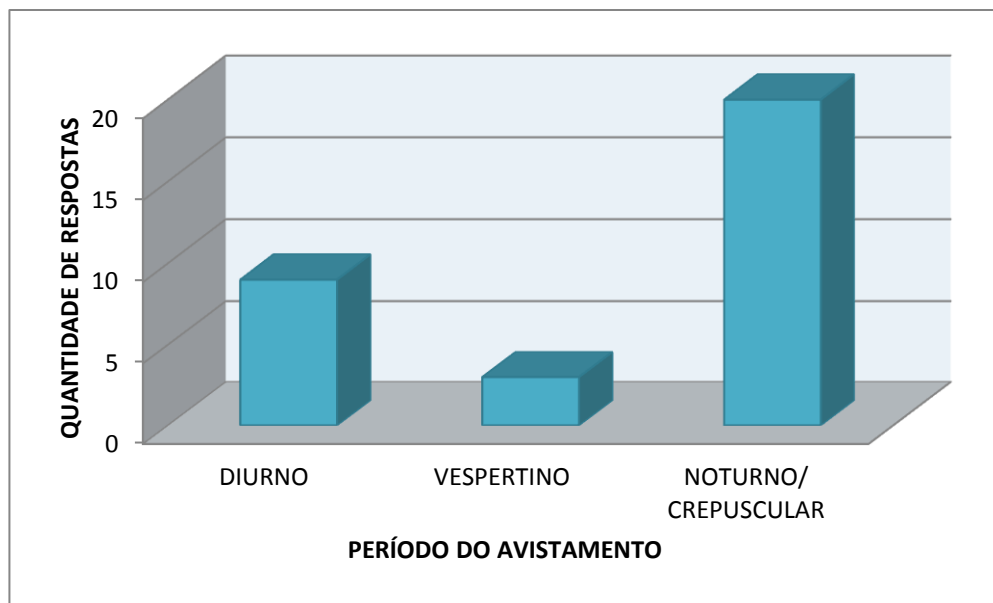


Figura 14. Representação das respostas dos entrevistados relacionadas ao período de avistamento dos sariguês.

O período mais citado pelos entrevistados foi o noturno ou crepuscular, sendo ressaltado como o período de forrageio do animal, porém também foram obtidas respostas de sariguês aparecendo nos períodos diurnos e vespertinos.

“Sempre de noite, eles aparecem mais de noite porque é quando as galinhas estão dormindo”.

(J., 32 anos)

“Eu vi pela manhã... mais ou menos umas oito horas da manhã”.

(Seu G., 60 anos)

“Isso foi umas três horas da tarde mais ou menos que eu vi o sariguê passar”.

(F., 20 anos)

Salienta-se que os *Didelphis* são animais de hábito noturno e crepuscular, sendo que a sua principal atividade diurna é descansar em ocos de árvores ou troncos caídos (CANEVARI & VACCARO, 2007).

Segundo LUNIAK (2004) populações que sofrem o fenômeno da sinurbização acabam tendo o seu ritmo circadiano modificado devido as diferenças ecológicas e comportamentais que o ambiente urbano tem em comparação as áreas silvestres. Esta mudança do ritmo é descrita pelo autor no seu estudo com ratos do campo listrados em Varsóvia, onde foi percebido que esses indivíduos mostraram-se ativo nos espaços abertos dos parques urbanos durante o dia, sendo que em ambiente silvestre esses animais exibem um hábito noturno.

Essa mudança também pode estar relacionada com recursos alimentares abundantes e a iluminação e abrigos artificiais proporcionados pelos centros urbanos (LUNIAK, 2004) ou a persistência de ritmicidade circadiana em livre curso (ausência de pistas ambientais) (PINATO, 2007).

Etologia:

Definida como o estudo do “ser” ou “personalidade”, a etologia é a disciplina que estuda o comportamento social e individual dos animais (DELLINGER, 2005). Para DECLARO (2004), comportamento pode ser entendido como tudo aquilo que um animal é capaz de fazer, mesmo que deixem de realizar atividades envolvendo movimentações ou deslocamentos como por exemplo: dormir, hibernar, congelar-se e fingir-se de morto.

Além dos moradores urbanos de Feira de Santana reconhecerem e saberem quais os horários e onde ocorrem os sariguês, eles também souberam descrever quais atividades o animal exercia no momento em que o avistaram, assim mostrando conhecimento do seu comportamento. Esse recurso apresentou-se importantíssimo, pois dessa forma os entrevistados narraram como capturam ou se defendem desses animais.

Os comportamentos percebidos e relatados dos entrevistados sobre os sariguês estão principalmente correlacionados com as estratégias de defesas (fuga e proteção), mansidão e medo para com as pessoas e nidificação. Das entrevistas realizadas 71,9% dos entrevistados souberam dizer sobre a etologia do sariguê.

O conhecimento dessas pessoas envolvendo o comportamento defensivo dos sariguês mostrou-se amplo e detalhado como indica os trechos abaixo:

- **Comportamento de Fuga:**

“ Geralmente sariguê não ataca ninguém não, só ataca o animal pra comer. Ele quando vê uma pessoa procura logo se esconder”.

(Seu J., 62 anos)

“[...] o sariguê tava até fugindo, porque o pessoal tava “afungentando””.

(F., 20 anos)

Esse comportamento de fuga pode ser uma possível reação em resposta a estímulos indicadores de perigo, ou seja, um comportamento antipredatório, que tem como objetivo transmitir ao predador ou potenciais parceiros o sinal de que a presa se encontra em boa forma física, levando ao predador abandonar a perseguição (BOYLES & STORM, 2007).

Os mecanismos de antipredação estão divididos em três categorias: primários, secundários e defesa em grupo. No caso dos sariguês, por serem animais solitários, estão classificados nos secundários. Esses indivíduos ativam os seus mecanismos de defesa assim que detectam a presença do predador ou somente após o predador atacar (EDMUNDS, 1974), neste caso, exercendo assim um padrão antipredatório individual de fuga, deste modo, uma vez que o predador é localizado, o animal tenta fugir (FERRAZ, 2011).

- **Comportamento de Proteção:**

O comportamento defensivo de proteção dos sariguê também foi revelado nas entrevistas como demonstra o fragmento de discurso individualizado abaixo:

“[...] não existe isso de ser atacado por eles(sariguê). Eu acredito que se algum moleque tenha sido atacado por algum sariguê, tenha sido por uma fêmea protegendo o ninho, mas fora isso não. Se ele atacou, ou tava protegendo o espaço ou a ninhada”.

(M., 48 anos)

Pelo fato dos animais se depararem com um grande número de potenciais predadores, eles acabam utilizando várias estratégias de proteção, sendo os mais comuns: contra-ataque, camuflagem ou fuga (VASCONCELOS, 2012).

Os *Didelphis* são considerados arditos quando se fala em comportamento defensivo, pois mesmo não sendo atacado, porém se sentindo ameaçado ou acuado esse marsupiais abrem desmesuradamente a boca exibindo uma rica dentadura (SANTOS, 1984), emitem gritos agudos enquanto liberam uma secreção de odor desagradável produzida por duas glândulas da região genital. Este comportamento (aparentemente agressivo) chega a intimidar o seu possível predador.

“ Rapaz, o bicho é muito valente, ele vai pra cima da pessoa, mostra aqueles dentes, aquelas unhas, ele vai pra cima mesmo da pessoa com uma ferocidade retada. É bem feroz ele, quando ele vê que a gente tá chegando perto, ele já fica atizado. Nervosinho ele”.

(J., 40 anos)

“ Ele ficava lá no canto da parede só dando aqueles gritinhos que ele solta. Que eles dão uns gritos”.

(M., 37 anos)

“[...] ele solta um cheiro de gambá, cheiro forte, cheiro ruim mesmo... assim um cheiro enjoado, enjoativo. Ninguém “guenta” ficar perto”.

(B., 28 anos)

Além dessas estratégias, se o perigo persistir, esse habilidoso indivíduo arrisca-se a usar uma teatral tática defensiva, o comportamento de tanatose (Fig. 15), onde o animal entra em um estado de imobilidade semelhante a morte, podendo chegar a até seis horas de duração (CANEVARI & VACCARO, 2007) como corrobora o discurso individualizado abaixo:

“Destelhamos uma parte do telhado, ai tava lá o sariguê imóvel. Eu pensei que tivesse morto, pois ele se finge de morto, parece que é uma estratégia dos sariguês se fingir de morto, eles se imobilizam. Pelo menos a experiência que eu tive lá no telhado é que a sariguê tava lá, se fingindo de morta, eu “futuquei, futuquei” e ela não se bolou. Parecia que ela tinha morrido, e eu achei que ela tinha morrido, ai conseguir jogar ela com um pau. Ela tava justamente assim na ponta do telhado, no limite assim com a parede, ai foi fácil empurra-lá para o lado de fora. Ela caiu, teve aquele baque, ai eu falei: Pronto! Se

não tava morta acabou de morrer. Quando eu cheguei lá embaixo que vou procurar vê, nem sombra da sariguê”.

(Seu L., 61 anos)



Figura 15: Animal capturado em processo de tanatose.

- **Mansidão e medo dos seres humanos:**

Em contradição aos relatos acima, também foram revelados nas entrevistas o comportamento de mansidão e medo dos sariguês para com as pessoas, esse comportamento não é só reconhecido pelos informantes, mas também está descrito na literatura científica.

“[...] ele é manso, não mexe com ninguém não, não ataca ninguém”.

(J., 43 anos)

“Eles não atacam gente assim não. Eles tem é medo, eles correm é com medo da gente”.

(P., 40 anos)

“O sariguê tem é medo da gente”.

(L., 30 anos)

O comportamento de mansidão com as pessoas é essencial para populações em processo de sinurbização, pois a convivência com o homem é algo fundamental para o sucesso dessas populações na sua habitação urbana, sendo que esses indivíduos acabam se acostumando com este convívio e chegam até a seguir as pessoas implorando por comida ou mesmo sentando-se sobre elas (LUNIAK, 2004).

Segundo SANTOS (1984), os sariguês mostram-se medrosos diante da presença dos humanos. Esse comportamento pode estar relacionado pelo motivo dos sariguês serem alvo de agressões das pessoas, muitas vezes por falta de orientação e conhecimento (BERNARDI, 2010).

- **Nidificação:**

Nidificação é o ato que determinadas espécies de animais tem de construir ninhos, sendo que nos vertebrados é mais comumente visto nas aves no seu período de incubação dos ovos. Essa ação não se restringe só a classe das aves, mas também a alguns répteis e mamíferos (GARDNER, 2005).

Esse comportamento de construção de ninhos e sua localização também foram descritos pelos entrevistados referentes aos sariguês, como mostra o trecho abaixo:

“[...] eles gostam de fazer ninho no coqueiro, e o que tem mais lá em casa é coqueiral, coqueiro”.

(Dona D., 62 anos)

Os *Didelphis* na sua época reprodutiva formam casais e constroem ninhos (Fig. 16) com folhas e galhos secos, em ocos de pau, buracos velhos de árvores, ninhos de aves e forro de residências (GARDNER, 2005).



Flávio Cruvinel Brandão

Figura 16: Ninho de João- de-Barro habitado por um sariguê.

“Eles “fica” nos forros das casas, principalmente em lugar que é mais quente. Eles procuram logo lugar quente pra ficar”.

(P., 40 anos)

Com a fragmentação dos remanescente de matas nos arredores das cidades a aproximação dos sariguês tornou-se inevitável (QUEIROZ,1997), esse processo de sinurbização vem resultando na alteração dos hábitos de nidificação dessas populações, incluindo o uso de uma variedade de objetos antrópicos como abrigos, lugares canalizados e materiais para construção de ninhos (LUNIAK,2004).

- **Comparação dos dados obtidos sobre a dieta dos sariguês junto com dados fornecidos pela população local:**

*“Macaco come banana
Sariguê come galinha
Jumento come até pedra
A gente come farinha”*

(Padre Antônio Vieira, 1964)

Com os desmatamentos, os animais silvestres têm se aproximado cada vez mais das áreas urbanas, assim adquirindo hábitos sinantrópicos (SANCHES, 2009). Estudos sobre os hábitos alimentares de sariguês em meio florestal tem aumentado nos últimos anos (SARTORI *et al.*, 2006), porém pesquisas específicas sobre o conhecimento popular em relação a dieta desses animais ainda são poucos compreendidos.

Com base nas respostas obtidas nos roteiros, foi possível perceber que os moradores locais entrevistados demonstraram ter conhecimento sobre a alimentação dos sariguês.

*“O sariguê chega e **come galinha**, ele tem uma boca afiada.”*

(B. , 24 anos)

*“ Ele **comeu meu passarinho**, mas ele também **come frutas, verduras**, essas coisas.”*

(Seu J. 49 anos)

Os itens alimentares pertencentes à dieta dos sariguês mais citados pelos entrevistados foram: Aves (está categoria consiste em animais de criação como galinhas, pintos e pássaros, também englobando "ovos"), frutas, lixo e verduras (Fig. 17).

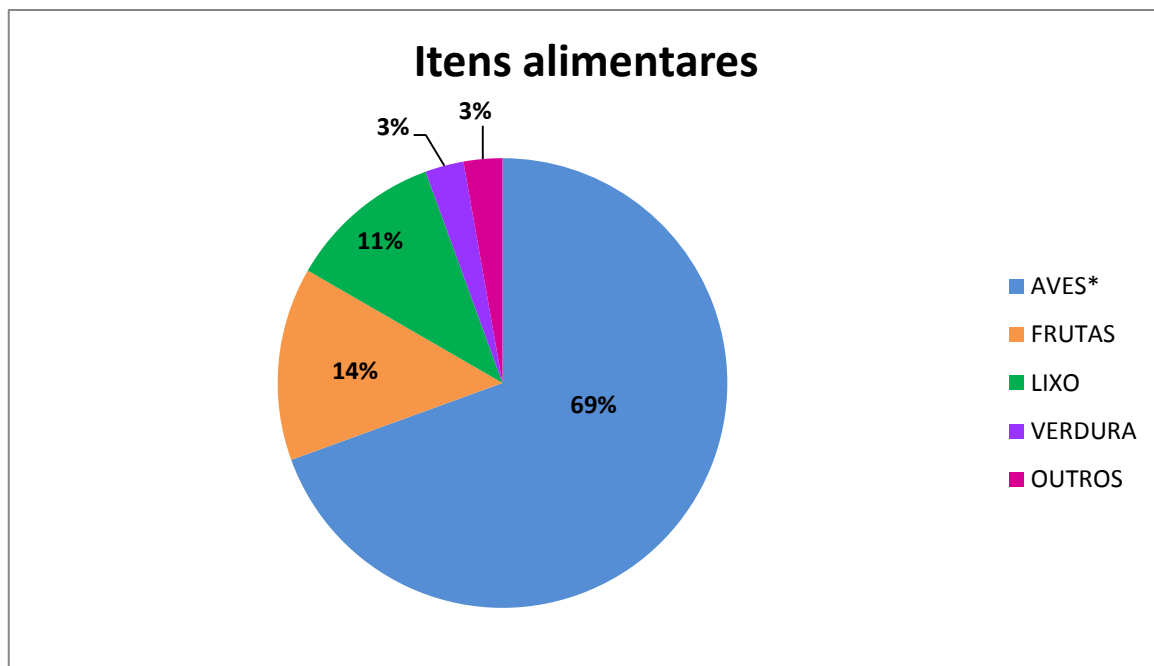


Figura 17: Representação gráfica dos itens alimentares citados pelos entrevistados sobre a dieta dos sariguês.

A partir dessas informações foi elaborado um discurso coletivizado transcrito explanando a dieta, suas preferências e comportamentos alimentares que os sariguê exercem pela visão dos entrevistados.



Luiz Valverde

“O estímulo dele é mais assim pra ovo, pintinho e galinha; ovo de galinha, ele come e bebe; ele fura o ovo; chupa todo o material que está dentro dos ovos; os pintinhos ele só come a cabeça; ele só tira a cabeça e deixa o corpo; ele come até pinto quando nasce; parece que gosta de comer o bicho ainda “quente” ;

da galinha eles gostam é do miolo; o sariguê come também pássaros, curió, papá capim, azulão e pássaro preto; ele procura e come comida do lixo; ele come biscoito, carne de bode, carne de boi; bichos pequenos ele come tudo; ele come frutas e verduras; eles chupam sangue dos bichos; mordem no pescoço”.

Os resultados obtidos com esse discurso deixa evidente o conhecimento que os entrevistados tem sobre a alimentação dos sariguês e principalmente a super valorização relacionada sobre o consumo acerbado de galináceos e seus derivados que os mesmos acreditam que esses animais tenham.

“Pela experiência que eu tenho, a especialidade dele é ovos, não é galinha, ele come a galinha assim, pra poder chegar até o ovo como aconteceu. Mas se não tiver ovo vai galinha, vai pintinho. Ele não gosta, ele não é um animal que come outros animais mamíferos, ele gosta mais de aves. Ele ataca também ninho de pássaros, não é só de galinha não, ele come ovos de passarinho também. Ataca ninho de passarinho, ai ele come filhotes e ovos.”

(Dona D., 62 anos)

De acordo com SILVA (1994) o regime alimentar onívoro dos *Didelphis* aumenta muito a sua capacidade de sobrevivência em ambientes urbanos, principalmente por alguns indivíduos aprenderem a comer aves domésticas, o que contribui possivelmente para que as pessoas desenvolvam uma postura negativa frente ao animal.

A composição da dieta dos sariguês é bastante abrangente, por serem indivíduos oportunistas onívoros sua alimentação consiste em frutas e pequenos animais (GARDNER, 2005), incluindo também carniça (FREITAS, 2012) e aves domésticas (REIS *et al.*, 2009).

Sua dieta ampla lhes permite tirar partido de muitas fontes de alimentos fornecidos pela habitação humana, tais como resíduos de alimentos (lixo) e alimentos para animais (KRAUSE *et al.*, 2006).

- **Comportamento trófico:**

Os sariguês são animais oportunistas de hábito alimentar onívoro, o que permite à esses indivíduos uma dieta mais generalista, porém os entrevistados ao descreverem, o tipo de alimentação dos sariguês foi possível perceber alguns comportamentos alimentares interessantes como por exemplo a forma que os sariguês capturaram aves domésticas como narram os entrevistados nos trechos abaixo:

“O sariguê entra na gaiola, chega e com a cauda, a parte lisa da cauda é a que ele pega os passarinhos... Então ele coloca a cauda dentro da gaiola, ai o passarinho começa a se bater e ele arrasta, ai só come a cabeça”

(Seu D., 65 anos)

“Ele colocava o rabo na gaiola e puxava o passarinho. Ele tem um rabo grande da miseria, maior que ele”.

(Seu J., 49 anos)

Em ambientes florestais, os sariguês utilizam sua cauda para enrola-se em redor dos galhos similarmente aos símios⁵ (von IHERING,1968), é comum populações em processo de sinurbização terem o comportamento alimentar modificado, utilizando novas estratégias de forrageamento (LUNIAK, 2004).

Outro comportamento também percebido pelos entrevistados foi o dos sariguês só se alimentarem da cabeça das aves:

“Do pinto só ele só come a cabeça, deixava o corpo todo e só comia a cabeça”

(Dona V., 74 anos)

“[...] eu crio galinhas, ai eles vem perturbar as galinhas. Semana passada mesmo ele matou dois pintinhos, mas ele só comeu a cabeça e deixou o corpo”.

(Seu D., 65 anos)

“Lá em minha casa tem criação de galinha, e ai tava aparecendo alguns pintos mortos e sem cabeça. As vezes a gente pensava que era rato, mas os restos dos pintos estavam aparecendo em um lugar assim, tipo em cima, em um lugar alto. Ai meu pai disse que era um sariguê que tava matando esses pintos”.

(H., 19 anos)

Esse comportamento predatório de comer apenas a cabeça das aves provavelmente pode está correlacionado com o fator nutricional que está estrutura possui ou pelo hábito alimentar dos *Didelphis* de gostarem de comer carne em estado de semi-decomposição (FREITAS *et al.*, 2005), o que acarretaria a preservação do animal predado no percusso para o abrigo com a finalidade de alimentar a sua prole.

⁵ Designação geral em zoologia para as espécies da ordem dos primatas atuais e extintos.

“Quando ele come e enche o “papo” ele para e larga lá. Ele mata, ele quer acabar com tudo. Mas as vezes ele tá em ninhada, quando ele tá em reprodução, ele ainda leva pros filhotes e larga o resto lá. Vem buscar depois e ai fica naquela correria”

(Seu J., 62 anos)

Outros comportamentos que também foram citados, foi o do sariguê furar os ovos das galinhas e bebe-lós, e assim tirando proveito do alimento e enganando os donos das aves, o comportamento de furar o pescoço de suas presas e sugar o sangue ou todo o seu conteúdo interno também foi relatado:

“ O danado fura os ovos e deixa no lugar, no outro dia quando vai olhar tá vazio os ovos”

(S., 32 anos)

“Ele pega o pinto, suga pelo fundo do pinto, suga o material que ele tem. Larga lá, ai tipo se tiver um ovo ele fura o ovo chupa todo o material que está dentro dos ovos, e deixa o resto do ovo lá inteiro, você pensa que o ovo tá inteiro e só fica a combuca só.” Mônica: Então ele não come o pinto? Não ele só faz sugar o material que tem dentro do pinto, as visceras, o sangue”.

(Seu J., 62 anos)

Os atos de agressividade com as galinhas para obter os ovos também foram narrados pelos entrevistados:

“[...] ele chegava a comer o “overo” da galinha, como se fosse a cloaca da galinha, até chegar aos ovos que tavam dentro”.

(E., 28 anos)

“Ele matou a galinha pra tirar o ovo do ninho. Ele comeu a galinha todinha de um lado só por que a galinha não quis sair do ninho. Ele comeu um lado da galinha todinho, até chegar aos ovos, a galinha não morreu na hora, ficou uns três dias ainda viva com o lado todo comido, depois morreu. Dava pra ver todos os ossos da costela. Ele comeu a metade da galinha, só pra ela tirar, sair e ele comer os ovos, só

que ela não saiu. Ela morreu no ninho e os ovos eu encontrei furado. Ele bebeu os ovos. Ele faz o buraco, bebe e deixa a casca do ovo lá interinha. Faz só o buraquinho”.

(Dona D. 62 anos)

Os sariguês são animais conhecidos pela sua predileção por sangue e pelos seus atos agressivos com as presas, sendo esses hábitos citados por vários autores (SANTOS, 1984; NOMURA, 1996; MARQUES, 2005a; ROSSI *et al.*, 2006; REIS *et al.*, 2006), por esse motivo geralmente são espancados e mortos (GARDNER, 2005).

- **Zooterapia:**

O uso de animais e seus produtos derivados (gordura, sangue, vísceras, couro, pelo e entre outros) vem sendo utilizado na medicina popular desde tempos remotos (ROSA *et al.*, 2012) por diferentes grupos étnicos (COSTA-NETO, 2000). O nome dado a esse fenômeno amplamente difundido é zooterapia (MOURA & MARQUES, 2008).

Nas entrevistas realizadas, apenas três (6%) pessoas citaram o sariguê como uso medicinal. As partes utilizadas do animal citadas para fins medicinais foram banha e carne, sendo a carne destacada como principal produto medicinal.

*“Minha avó que dizia que servia pra todo tipo de remédio. **Dizem que a carne servia pra todo tipo de doença. Doença nos ossos, essas coisas ela dizia que servia. Mas eu nunca comi não, ela que já comeu. Hoje ela é morta, mas dizia que servia pra todos os tipos de doenças.**”*

(I., 37 anos)

*“Papai sempre falou que serve , mas eu não sei pro que é. Eu acho que é **a banha dele que serve para remédio. Papai e vovó sempre falavam isso. Serve para reumatismo.**”*

(Seu R., 50 anos)

*“Ele é bom para quem tem problema de coluna, **muitas pessoas come e se acha bem, e diz que melhorou por causa do sariguê que comeu, então ele continua procurando pra comer, compram pra melhorar da coluna.**”*

(Seu J., 62 anos)

No trabalho realizado por MOURA & MARQUES (2008) no povoado do Remanso, no município de Lençóis (BA), a banha do sariguê também era utilizada para dores no corpo e reumatismo, porém no trabalho realizado por BANDEIRA (1972) com os Kiriri de Mirandela, os indígenas utilizavam em vez da banha do animal, os ossos torrados e moídos misturados com cachaça para os mesmos fins.

No Pará a banha do sariguê é usada para facilitar o parto, sendo dada fricções no abdômen da gestante ou nas partes do corpo em que se senti dor (FIGUEIREDO, 1988 *apud* NOMURA, 1996).

A utilização do sariguês para fins medicinais é bem ampla, em São Matheus (ES) esse marsupial é usado para curar doenças respiratórias como asma, na forma de chá. Para preparar o remédio é preciso torrar um sariguê pequeno (filhote), depois de torrado e moído mistura-se o pó a água morna e serve para o doente tomar (PACHECO, 1963 *apud* NOMURA 1996).

Na comunidade de São João do Tupé (a margem esquerda do Rio Negro) os moradores utilizam o fel do sariguê para amenizar cólicas em mulheres grávidas, também é utilizado a língua do animal para o tratamento de asma (TERRA & REBÊLO, 2005).

No trabalho de revisão realizado por ALVES *et al.*, (2009) na America do Sul, o sariguê serve para os mais diversos males (furúnculos, acne, feridas, bronquite, dor nas articulações, dor de estômago, reumatismo, diarreia, inflamação, erisipela, dor na gestação, asma, dor de cabeça, dor de dente, dor de ouvido, dor de garganta, gripe, febre, dor no corpo, fadiga).

De acordo com LÉVI-STRAUSS (1985), a infusão da cauda do sariguê na America Latina é indicada não só para partos difíceis, mas também como um grande rémédio para constipação, segundo o próprio autor o rémédio “abre as passagens, os tubos, limpa-os e purifica-os, eliminando as obstruções”.

ALVES & ROSA (2007) relatam que nas áreas urbanas do norte e nordeste brasileiro os sariguês são usados para inchaço, tensão muscular, dor no parto e distúrbios após parto (para acelerar a recuperação após o parto).

O escroto e/ou a capanga (couro do escroto) do sariguê também é utilizado para apressar parto difícil. Para muitas pessoas o fato do sariguê ser um marsupial, sugere que o animal não sente dor ou não apresenta dificuldades na hora do parto, assim sendo indicado para ajudar a apressar o parto difícil (MOURA & MARQUES, 2008; COSTA-NETO, 2011).

No México, Frei Ximenes (MARCGRAVE, 1648 *apud* VAREJÃO, 1981) descreveu como os nativos utilizavam os sariguês como propriedades terapêuticas. O Frei relata que a cauda do sariguê era utilizada para vários fins: purificação dos ureteres, expelir cálculos renais, ajudar a desenvolver a produção de leite, aliviar as cólicas, provocar menstruações e acelerar o parto.

Em relação a utilização da carne do sariguê para fins medicinais, está se mostrou apenas como uma crendice popular, pois não foi encontrado nenhum embasamento científico que comprove-se sua utilização. Partindo-se desse pressuposto seria interessante testar a eficácia do produto, pois mostrando-se positiva possibilitaria a integração desta para fabricação de novos medicamentos.

5.4 Zoofagia: uma etnografia visual

*“Tucupi no tacacá
E cabeça de mucura
Come o povo do Pará”
(Vicente Salles)*

O hábito do homem se alimentar com carne de animais é algo cultural. Segundo PARHAM (2012), foi durante a última Era Glacial que os primeiros seres humanos mudaram sua dieta de frutas e legumes por carne de animais para obter a sobrevivência durante o período de escassez e assim disseminar a população humana na Terra.

A partir dessa atividade de predação, as mulheres das tribos puderam desmamar mais cedo seus bebês, por haver mais alimentos disponíveis para elas e suas proles, assim encurtando o intervalo entre um filho e outro (PSOUNI *et al.*, 2012).

O processo do consumo de carne não só acarretou mudanças na reprodução humana, mas também morfológicas. Aprender a caçar foi uma atividade necessária para essa evolução, pois esse processo aprimorou habilidades complexas como comunicação, elaboração de estratégias e construção de ferramentas, favorecendo o desenvolvimento cerebral desses indivíduos (PSOUNI *et al.*, 2012).

Nos dias de hoje o hábito de comer carne ainda é bem difundido, porém ganhou um toque mais peculiar e arriscado, pois esse costume não ficou só na ingestão da carne dos animais de criações como aves, bovinos, caprinas e suínas, mas também de animais silvestres como de jacarés, capivaras, preguiças, antas, jabutis, tartarugas e sariguês.

Apesar de ser proibido em muitos países, o consumo de carne silvestre nunca deixou de existir. No Brasil, a Lei nº 9.605/98 proíbe o comércio de animais silvestres e seus subprodutos caso não sejam provenientes de criadouros licenciados por autoridade competente (MORHY, 2012), porém nos grandes centros urbanos, as carnes silvestres são comercializadas em restaurantes e “boutiques de carnes” por preços elevados (SARKIS, 2002).

SILVA-NETO (1990) relatou que países da África, Ásia e Europa têm explorado a fauna silvestre com o objetivo de lucrar com esse tipo de produção, apostando com a criação de cativeiros como alternativa de sustentabilidade.

No Brasil o comércio de carne de animais silvestres também vem se intensificando, BAÍA-JUNIOR (2006) pesquisou na cidade paraense de Abaetetuba a dinâmica comercial,

os fatores culturais e econômicos relacionado a esse tipo de alimentação utilizada pelos moradores urbanos do local.

A partir de entrevistas, foi possível perceber que 94% dos informantes da zona urbana já haviam se alimentado de algum tipo de carne silvestres e que 63% deles faziam essa prática com uma frequência de três vezes por semana.

Neste trabalho, dentre os entrevistados (n=50), somente 6% se diziam consumidores realmente da carne de sariguê, o restante (94%) citaram outras pessoas (amigos, vizinhos e familiares) como consumidores da carne do animal. A comercialização da carne é realizada de forma discreta, porém a atividade aparentou ser predominantemente exercida pelos comerciantes locais.

“Olha, o sariguê é o prato mais preferido aqui para quem vende caça. É o que mais vende ligeiro é um sariguê quando chega. Tem gente que vem aqui dia de hoje (segunda-feira) só procurar sariguê pra comer”

(Seu J., 62 anos)

“Pra comer serve, que tem muita gente até que come”

(R., 29 anos)

“Já comi e como”

(L., 30 anos)

Segundo BARRETO & RIBEIRO (1979) devido ao seu tamanho, sabor de carne e abundância, os gambás são comumente considerados como uma boa fonte de alimento para seres humanos. A atividade de comer sariguê também foi descrita por SALLES (1970), o autor relata que há uma predileção dos moradores paraense pela carne da “mucura”.

Neste trabalho o costume de comer sariguês também foi relatado em outras localidades pelos entrevistados:

“[...] *tem gente que come mesmo, pois quando eu morava no Ceará tinha uma família que comia mesmo sariguê*”.

(Dona V., 74 anos)

“*Lá no Maranhão o pessoal come mucura*”

(E., 34 anos)

Segundo von IHERING (1968), há muitas pessoas que estimam esse prato diferente, como os norte-americanos, em especial o ex-presidente e gourmand Taft, para quem o “opossum” era um prato de “lamber os dedos”. FREITAS *et al.*(2005) afirma que os representantes do gênero *Didelphis* são muito apreciados como fonte de proteínas, pelo menos no Norte e Nordeste brasileiro.

Para os astecas a carne do sariguê pode ser consumida sem restrições, mas nunca pode ser consumido os ossos, de acordo com essa civilização mesoamericana os ossos dos sariguês principalmente os dos rabo, tem o poder de causar problemas no intestino, que segundo a lenda, podem sair do corpo, ou seja, os osso tem a propriedade de extrair, expelir, evacuar as coisas bloqueadas dentro de uma devida cavidade (LÉVI-STRAUSS, 1985).

Salienta-se que nesta pesquisa, em relação ao consumo da carne do sariguê, o único tabu alimentar que foi observado nas entrevistas, foi o referente as fêmeas paridas:

“*O sariguê só não presta quando ela tá parida, quando tá com o filho dentro do “saco”*”. “Mônica: Porque?” *Por que quem vai comer, ela já tá parida, tá com o filhinho ninguém vai matar não*”.

(Seu J., 62 anos)

Tabus alimentares significam algo proibido e intocavel, podem está ligados a diversos fatores, sendo os mais comuns os religiosos, culturais ou de saúde. Porém também podem estar ligados ao emocional ou na preservação daquela população (TRIGO *et al.*,1989).

O gosto da carne do sariguê também foi comentado pelos entrevistados, sendo ressaltado até mesmo pelos que se diziam não apreciadores do prato:

“Dizem que a carne é boa”

(L., 24 anos)

“Dizem que a carne é saborosa, que é gostosa”

(Seu M., 48 anos)

“É a melhor coisa do mundo”

(Seu N., 49 anos)

“Dizem que tem gosto de galinha”

(Seu J., 49 anos)

“Já matei, bastantei. Tanto matei como comi. E é gostoso”

(Seu J., 62 anos)

SANTOS (1984) corrobora com as informações acima, e ainda destaca que é preciso saber limpar a carne para o cheiro característico dos sariguês não impregna-la. Há pessoas no norte brasileiro que afirmam, que a carne do sariguê tem gosto de galinha devido a sua preferência pelas galinaceas (SALLES, 1970).

A prática de consumir carne de sariguê foi documentada neste trabalho, através da etnografia visual. A partir da produção e análise de fotografias e vídeo foi possível reconstruir passo-a-passo a preparação e cozimento da carne do animal por um morador da área urbana de Feira de Santana.

Ressalta-se que a atividade documentada, foi feita para um momento comemorativo da família do informante, o que deixa explícito que a atividade não serve só como alternativa de subsistência, mas também cultural.

O animal utilizado foi capturado por cães domésticos três dias antes de ser cozinhado. Após óbito do indivíduo, para conservação da carne, foram retirados todos os pelos do animal.

“[...] primeiro você vai pelar ele, passar na água quente e tirar aquele pelo dele, raspar tudo, limpar e lavar com limão”

(Seu J., 62 anos)

“[...] parece que “pelá”, que ele é como se fosse uma pele de porco, cabeludo... parece que “pelá”, corta, tempera e come”.

(Dona V., 74 anos)

Juntamente com os pelos, também foram retirados as patas anteriores e posteriores dos sariguês, cabeça, cauda, órgãos internos e glândulas odoríferas.

“Dizem que tem que tratar logo na hora, porque ele tem umas glândulas embaixo dos braços que fede, que não pode comer assim. Não pode deixar... matar e deixar lá pra depois”.

(L., 27 anos)

“[...] ele tem uma “favinha” que fede você sabe né? Isso ai são dois carocinhos que ele tem de baixo do braço, ai eu tiro eles. Depois que tirou aquela “favinha” ai pronto, ai agora pode preparar pra comer.”

(Dona C., 54 anos)

O animal foi mantido em ambiente refrigerado para não entrar em processo de decomposição até o dia do preparo. Salienta-se que durante todo o processo de manipulação da carne do sariguê, o produto foi lavado diversas vezes.

Para facilitar o cozimento, o animal foi cortado em vários pedaços que foram temperados com alho, sal, cebola, tomate, pimentão, cominho e urucum. Todo esses processos pelo qual o animal passava era chamado pelos entrevistados de “muquiar”.

“Muquiar é assim, eles pegam, abrem o bicho e tira as visceras, limpa, tira a pele, lava ele todo e depois dá os cortes. Ai coloca ele nos temperos”

(Seu N., 49 anos)

Após esse processo, o alimento foi para o fogo e ficou por 40 minutos cozinhando. Depois de pronto, acrescentou-se um copo de leite de coco (*Syagrus oleracea*) com a intenção de ressaltar ainda mais o gosto da carne do animal.

“[...] Ai eu moqueio e agora preparo no leite de coco, tomate e alguns temperos”.

(M., 38 anos)



Foto 1



Foto 2 e Foto 3



Foto 4



Foto 5



Foto 6



Foto 7



Foto 8



Foto 9



Foto 10



Foto 11



Foto 12



Foto 13



Foto 14 e Foto 15

LEGENDAS PARA ETNOGRAFIA VISUAL

Fotos 1– Captura do sariguê pelo entrevistado;

Foto 2 e 3 – Carne do sariguê limpa para consumo;

Foto 4 – Detalhe da lesão na perna posterior do animal feita por cães domésticos no momento da captura;

Foto 5 – Entrevistado cortando o sariguê em pedaços para facilitar a preparação do animal para o consumo;

Fotos 6 e 7 – Detalhes da carne do animal cortada;

Foto 8 e 9 – Limpeza da carne com água quente e limão;

Foto 10 – Preparação dos temperos utilizados na carne do sariguê;

Fotos 11 – Carne do sariguê sendo temperada pelo informante;

Foto 12 – Carne do sariguê temperada sendo levada ao fogo para cozinhar;

Foto 13 – Carne cozinhada;

Foto 14 e 15 – Inclusão do leite de coco na carne do sariguê já cozinhada.

CONCLUSÕES

6. Conclusões:

Pode-se concluir que:

- Os moradores urbanos de Feira de Santana entrevistados possuem um corpo de conhecimentos sobre os sariguês e os seus aspectos gerais biológicos e ecológicos como: morfologia, reprodução, cronobiologia, etologia e dieta ;
- Foi possível registrar que existe uma ampla distribuição de *Didelphis* na área urbana de Feira de Santana, sendo frequentemente observados na localidade, assim evidenciando a sua adaptabilidade em ambientes antropizados, principal característica dos animais em processo de sinurbização;
- Em relação às categorias etológicas encontradas, estas estão intimamente relacionadas com as características típicas dos animais silvestres em processo de sinurbização;

As atitudes e sentimentos das pessoas entrevistadas mostraram-se predominantemente biofóbicas. Talvez essa situação possa ser explicada devido o fato do pouco contato que se tem com os sariguês, agravado pela falta de conhecimento mais concreto de como agir com os mesmos;

- As crenças relacionadas ao sariguê mostraram-se restritas, podendo demonstrar que pode estar havendo uma perda de conhecimento popular relacionado as histórias folclóricas do animal;
- Sobre a dieta dos sariguês, a maioria da população local estudada supervalorizou o consumo de galinhas, o que pode ter contribuiu possivelmente para que estas desenvolvessem uma postura negativa frente a o animal;
- A zooterapia e zoofagia referente aos sariguês pode revelar uma discreta utilização tanto para propósitos medicinais quanto alimentares do animal;
- Foi identificado apenas um tabu alimentar restringindo o consumo da carne de sariguê pelos entrevistados, sendo este quando o animal está “prenha ou parida”;

***REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS***

7. Referências bibliográficas

- ALMADA, E. D. 2010. **Sociobiodiversidade Urbana: Por uma Etnoecologia das cidades.** Etnobiologia e Etnoecologia: Pessoas & Natureza na América Latina. Vol. 1, n°1, p.39 – 57.
- ALVARENGA, L. 2009. **Imagem, memória e identidade: uma etnografia visual da Vila de Itaúnas/ES.** Anais da III semana de pesquisa em artes UERJ. Rio de Janeiro. p. 110-116.
- ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L. 2007. **Zoothrapy goes to town: The use of animal-based remedies in urban areas of NE and N, Brazil.** J. Ethnopharmacol. Vol. 113, p. 541-555.
- ALVES, R. R. N.; NETO, N. A. L.; SANTANA, G. G. M.; VIEIRA, W. L. S.; ALMEIDA, W. O. 2009. **Reptiles used for medicinal and magie religious purposes in Brazil.** Appl. Herpetol. Vol 6, p. 257-274.
- BAÍA-JÚNIOR, P. C. 2006. **Caracterização do uso comercial e de subsistência da fauna silvestre no município de Abaetetuba, Pará.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém, Pará.
- BANDEIRA, M. L. 1972. **Os kariris de Mirandela: um grupo indígena integrado.** Salvador: Universidade Federal da Bahia. (Estudos Baianos,n. 6).
- BARRETO, M.P. & R.B. RIBEIRO, 1979. **Reservatorios silvestres de *Trypanosoma (Schizotrypanum) cruzi* Chagas, 1909.** Rev. Inst. Adolfo Lutz, Vol. 39, n°1. p. 25-36.
- BORGONHA, M.; PINHEIRO, L. 2010. **Olhos para (amar) o mar.** In: Gerhardinger, L. C.; Borgonha, M.; Bertoncini, A. A. (Orgs.). Memórias do Mar. Biodiversidade, Conservação e Cultura no Litoral Brasileiro. p. 136-138.
- BOYLES, J. G.; STORM, J. J. 2007. **Avoidance of predator chemical cues by bats: an experimental assessment.** Behaviour. Vol. 144, n° 9, p.1019-1032.
- BRAZIL, T. K. 2010. **Animais reservatórios.** Catálogo da fauna terrestre de importância médica da Bahia. EDUFBA. p. 189-192.
- BRITES, A. L.; UOL Educação. **Mamíferos como o canguru, o gambá e o coala.** Disponível em: < <http://educacao.uol.com.br/biologia/marsupial>> Acesso em: 20 de março de 2011.

- BRUN, F. G. K; LINK, D; BRUN, E. J. 2007. **O emprego da arborização na manutenção da biodiversidade de fauna em áreas urbanas.** Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Volume 2, Número 1,p . 117 – 127.
- CÁCERES, N. C. & MONTEIRO-FILHO. E. L. A., 1996, **Tamanho corporal em populações naturais de didelphis (mammalia: marsupialia) do sul do Brasil.** Revista Brasil. Biol., 59(3): p.461-469
- CÁCERES, N. C.; MONTEIRO-FILHO, E. L. A. 1997. **Reproductive biology of the common opossum, *Didelphis marsupialis* (Mammalia,Marsupialia), in Southern Brazil.** Brenesia, p. 117-124.
- CÁCERES, N. C.; MONTEIRO-FILHO, E. L. A. 2000; **The common opossum, *Didelphis aurita*, as a seed disperser of several plants in southern Brazil.** Ciência e Cultura, 52: 41-44.
- CANEVARI, M.; VACCARO,O. 2007; **Orden Didelphimorphia.** Guía de Mamíferos del sur de América del sur. Ed. L.O.L.A (Literature of Latin América). 1° ed. p. 33, 47-48. Buenos Aires, Republica Argentina.
- CERQUEIRA, R.; GENTILE, R.; FERNANDEZ, F. A. S.; D'ANDREA, P. S. 1993. **A five-year population study of assemblage of small mammals in southeastern Brazil.** Mammalia. Vol. 57, n°4. p. 507-517.
- CHEREM, J. J.; GRAIPEL, M. E.; MENEZES, M. E.; SOLDATELI, M. 1996. **Observações sobre a biologia do gambá (*Didelphis marsupialis*) na Ilha de Raton Grande, Estado de Santa Catarina, Brasil.** Biotemas. Vol.9, n°2. p. 47 – 56.
- CIMARDI, A. V. 1996 ; **Família Didelphidae.** Mamíferos de Santa Catarina, Florianópolis. Vol.1 ,n.1 , p.17 – 19.
- COSTA, L. P. E PATTON, J. L. 2006; **Diversidade e limites geográficos de marsupiais Brasileiros.** Os marsupiais do Brasil: Biologia, ecologia e evolução. N. C. Cáceres e E. L. A. Monteiro-Filho (org.).Editora UFMS. Campo Grande – BR. p: 321 – 341.
- COSTA-NETO, E. M. 1999. **A etnocategoria “inseto” e a hipótese da ambivalência entomoprojetiva.** Acta Biológica Leopoldensia, 21 (1): 7-14.
- COSTA-NETO, E. M. 2000. **Conhecimento e usos tradicionais de recurso faunísticos por uma comunidade afro-brasileira.** Resultados preliminares. Interciencia. Vol. 25, n° 009. Venezuela. p. 423-431.

- COSTA-NETO, E. M. 2011. **The popular zotherapy in Bahia state: registration of new animal species used as medicinal resources.** Rev. Ciência & Saúde Coletiva, 16 (Supl. 1). P.1639-1650.
- COSTA NETO, E. M.; PACHECO, J. M. 2004. **A construção do domínio etnozoológico “inseto” pelos moradores do povoado de Pedra Branca, Santa Terezinha, Estado da Bahia.** Acta Scientiarum. Biological Science. Vol. 26, nº1. p. 81-90.
- CUPUL-MAGAÑA, F.G. 2003. **Reproducción avanzada de *Nyctanassa violacea* (Ardeidae) en el estero El Salado, Jalisco, México (junio a julio de 2001).** Ciencia y Mar, nº7. p.43-49.
- DAWKINS, R. 1972. **O gene egoísta.** Oxford, Oxford University Press.
- DEL-CLARO, K. 2004. **O que é comportamento animal?** Comportamento Animal: uma introdução à Ecologia Comportamental. p.11- 14. Editora - Livraria Conceito - Jundiaí - São Paulo:
- DELLINGER, F. T. U. 2005. **Relatório, programa, conteúdo e métodos de ensino teórico e prático da disciplina de etologia.** Universidade da Madeira: Cadeira de etologia. p. 119.
- DESCOLA, P. 1998. **Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia.** Mana, 4 (1): 23-45.
- DOUGLAS, M.; ATRAN, S. 1999. **Folkecology and Commons Management in the Maya Lowlands.** Proceedings of the National Academy of Science. p. 96 - 98.
- EDMUNDS, M. 1974. **Defense in animals.** Logman Group Limited, Great Britain.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. 2007. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota.** Ed. Perspectiva. p. 278. São Paulo.
- FAGUNDES, A. A. 2003. **Mitos e lendas do Rio Grande do Sul: folclore.** 8. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro.
- FARACO, C. B.; SEMINOTTI, N., 2004. **A Relação Homem-Animal e a Prática Veterinária.** Revista CFMV, Vol. 10, nº. 32, p. 57-62.
- FEIRA DE SANTANA, **Cidade, Prefeitura de Feira de Santana.** Disponível em: < <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/conteudo.asp?id=6> > Acesso em: 18 de Março de 2011.

- FERRAZ, M. R. 2011. **Manual do Comportamento animal; Comportamento antipredatório**. Editora Rubio. Rio de Janeiro.
- FERREIRA, A. B. H. 1986. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p.1451
- FICHTE, H. 1987. **Etnopoesia: antropologia poética das religiões afro-americanas**. São Paulo. Ed. Brasiliense. p. 24-28.
- FILGUEIRAS, T.S. 2007; **Biofilia versus Biofobia**. Disponível em: <<http://www.mphp.org/ciencia-e-tecnologia/biofilia-versus-biofobia.html>>. Acesso em 29 Março de 2011.
- FITA, D. S; COSTA-NETO,E. M. 2007. **As interações entre os seres humanos e os animais: A contribuição da Etnozoologia**. Revista Biotemas, Vol. 20, n. 4, p. 99 – 110.
- FONSECA, L. E. A. 2003. **Adaptações de *Didelphis albiventris* Lund. para o ambiente urbano**. Monografia. Centro Universitário de Brasília. Brasília.
- FONSECA, G.A.B.; HERRMANN, G.; LEITE, Y.L.R.; MITTERMEIER, R.A.; RYLANDS, A.B. & PATTON, J.L. 1996. **Lista anotada dos mamíferos do Brasil**. Conservation International & Fundação Biodiversitas, Occasional paper n.4.
- FONSECA, G.A.B; ROBINSON, J. G. 1990. **Forest size and structure: competitive and predatory effects on small mammal communities**. Biological Conservation, v. 53, n. 4, p. 265- 294.
- FREIRE, A. A.V. 1997. **Timbú ou Gambá *Didelphis albiventris* (LUND, 1840); Fauna do Rio Grande do Norte**. Fauna Potiguar. Natal: EDUFRN, 1997.
- FREITAS, M. A.; SILVA, T. F. S. 2005. **Ordem Didelphimorphia-Família Didelphidae**. Guia Ilustrado- Mamíferos na Bahia: Espécies Continentais. Coleção Manuais de Campo USEB, Ed. USEB, n°7. p. 45-47. Pelotas, Rio Grande do Sul.
- FREITAS, M. A. 2012. **Ordem Didelphimorphia-Família Didelphidae**. Mamíferos no Nordeste Brasileiro:Espécies Continentais. Ed. USEB. p. 32-34. Pelotas, Rio Grande do Sul.
- GABRIEL, S. 2010. **Olhar do Vale: Nossa Senhora e a Gambá**. Jornal Vale Mais. São José dos Campos, São Paulo.

GARDNER, A. L. 2005. **Order Didelphimorphia**. Mammal species of the world. 2^a ed. D. E. Wilson e D. M. Reeder (org.). Smithsonian Institution Press. Washington, DC. p: 15-23.

GENTILE, R.; D'ANDREA, P. S.; CERQUEIRA, R.; MAROJA, L. S. 2000. **Population dynamics and reproduction of marsupials and rodents in a Brazilian rural area: a five-year study**. Studies on Neotropical Fauna and Environment. Vol. 35. p. 1-9.

GONÇALVES, N. N.; MAÇANARES, C. A. F.; MIGLINO, M. A.; SAMOTO, V. Y.; MARTINS, D. S.; AMBRÓSIO, C. E.; FERRAZ, R. H. S.; CARVALHO, A. F. 2009. **Aspectos morfológicos dos órgãos genitais femininos do gambá (*Didelphis* sp.)**. Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science. Vol. 46, n° 4. p. 332-338.

GONÇALVES, M. L. Q.; REGALADO, L. B. 2007. **A relação entre o homem e o animal silvestre como uma questão de educação ambiental**. Periódico eletrônico: Fórum ambiental da ata paulistas. Vol. 3. p.1-22.

GRAIPEL, M. E.; SANTOS – FILHO, M. 2006. **Reprodução e dinâmica populacional de *Didelphis aurita* Wied-Neuwied (Mammalia: Didelphimorphia) em ambiente periurbano na Ilha de Santa Catarina, Sul do Brasil**. Biotemas, Vol. 19, n°1. p. 65-73

IBGE; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades da Bahia**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> > Acesso em: 18 de Março de 2011

von IHERING, R. 1968. **Quadro de Sinônimos**. Dicionário dos Animais do Brasil. Editora UNB. p.313 – 317.

JOHN, L.; **Quem são os gambás, as cuícas e as catitas: Os Marsupiais Brasileiros**. Terra da Gente. Disponível em: < http://eptv.globo.com/TERRADAGENTE/terradagente_interna.aspx?270908 > Acesso em: 20 de Janeiro de 2011.

KAVALCO, T. F. 2012. **Morfologia e Fisiologia**. Biociência.org. Disponível em: < http://biociencia.org/index.php?option=com_content&task=category§ionid=12&id=34&Itemid=72> Acesso em 21 de dezembro de 2012.

- KELLERT, S. R. ; WILSON, O. E. 1993. **Biophilia and the Conservation Ethic**. The Biophilia Hypothesis. Island Press, Vol.1 , n.1 ,p.31 – 66.
- KRAUSE, W. J.; KRAUSE, W. A. 2006. **O gambá: sua incrível história**. Departamento de Patologia e Ciências anatômicas, da Escola de Medicina da Universidade de Missouri, Columbia, Missouri.p.39
- KRAUSE, M. 2011. **Vida Selvagem**. National Geographic. n.131, Ano 11, p.14.
- KRUUS, H. 2002; **Anti-Predator Behaviour of Hoofed Mammals** , Hunter and Hunted: Relationships Between Carnivores and People.University of Cambridge. p.170 – 206
- LEFEVRE, F. 2000. **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: EDUCS. p. 138.
- LEMONS, B.; CERQUEIRA, R. 2002. **Morphological differentiation in the White-eared opossum group (didelphidae: Didelphis)**. Journal of Mammalogy. Vol. 83, n°2, p. 354 – 369.
- LÉVI-STRAUSS, C. 1985. **Em busca de zoemas**. A oleira ciumenta. São Paulo. Ed. Brasiliense. p. 139-141.
- LUNIAK, M. 2004. **Synurbization – adaptation of animal wildlife to urban development**. Proceedings 4th International Urban Wildlife Symposium. p.50 – 56, Shaw et al., Eds.
- MARKUS, R. P. ; AFECHE, S. C.; BARBOSA, J. E. M.; LOTUFO, C. M. C.; FERREIRA, Z. S.; CIPOLA-NETO, J. 2003. **Glândula Pineal e Melatonina**. In: MARQUES, N. e MENNA-BARRETO, L., Cronobiologia: princípios e aplicações, São Paulo: Edusp, São Paulo, Brasil, p. 191-222.
- MARQUES, J. G. W. 1991. **Aspectos ecológicos na etnoecologia dos pescadores do complexo estuarino – lagunar de Mundaú – Manguaba, Alagoas**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.
- MARQUES, J. G. W. 2005a. **O Pássaro Sagrado e o Cavalinho do Cão (Biodiversidade e Catolicismo popular no Brasil)**. Tese de Pós Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- _____ 2005b. **É pecado matar a esperança, mas todo mundo quer matar o sariguê. Etnoconservação e catolicismo popular no Brasil**. Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia. Ed. Livro Rápido.Vol. 2, p. 26-41.

- MARQUES, J. G. W.; GUERREIRO, W. 2007. **Répteis em uma Feira Nordestina (Feira de Santana, Bahia). Contextualização Progressiva e Análise Conexivo-Tipológica.** *Sitientibus*. Série Ciências Biológicas, 7 (3), p. 289-295.
- MARTINS, V.S. 2008. **Uma Abordagem Etnoecológica Abrangente da Pesca de Polvos (Octopus spp.) na Comunidade de Coroa Vermelha (Santa Cruz Cabralia, Bahia).** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, Bahia.
- MAXWELL, J. A. 1996. **Qualitative research design: an interactive approach.** Thousand Oaks, CA. Sage Publications.
- MEDEIROS, C.; ALVES, M. A. S . 2010. **Aspectos evolutivos e ecológicos do cuidado parental em aves: publicações em ambientes temperados e tropicais.** *Oecologia Australis*. Vol.14, n°4. p. 853-871
- MINISTERIO DE MINAS E ENERGIA, 2005. **Diagnóstico do município de Feira de Santana. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea-Bahia.** ORG: VIEIRA, A.; MELO, F.; LOPES, H. B. V.; CAMPOS, J. C. V.; GUIMARÃES, J. T.; COSTA, J. M.; BOMFIM, L. F. C.; COUTO, P. A. A.; BENVENUTI, S. M. P. CPRM/PRODEEM. p. 3-5. Salvador, Bahia.
- MIRANDA, J. M. D.; RABELO, G. P.; MORO-RIOS, R. F.; SILVA- PEREIRA, J. E.; ABREU, K. C.; BILSKI, D. R. 2009. **Ordem Didelphimorphia e Rodentia.** Guia Ilustrado – Mamíferos da Serra de São Luiz do Purunã, Paraná, Brasil. Coleção Manuais de Campo USEB, Ed. USEB, n°12. p. 37-45. Pelotas, Rio Grande do Sul.
- MORALES, A. G. *et al.* 1997. **Estudo comparativo das atitudes de estudantes de Assis, São Paulo, frente aos animais invertebrados.** In: Jornada De Educação, 4., Resumos. Assis: Unesp, p. 2.
- MORHY, E. 2012. **Carne de animais silvestres no cardápio regional.** Beira do Rio – Jornal da Universidade Federal do Pará. Vol. 26, n°110. Belém, Pará.
- MOURA, F. B. P.; MARQUES, J.G.W. 2008. **Folk medicine using animais in the Chapada Diamantina: incidental medicine?** *Ciência & Saúde Coletiva*. 13 (Sup 2), p. 2179-2188.
- MUCELIN, C. A.; BELLINI, L. M. 2008. **Lixo e impactos ambientais perceptível no Ecosistema Urbano.** *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, 20 (1): p. 111- 124.
- NOMURA, H. 1996. **Os mamíferos no folclore.** Fundação Vingt-un Rosado e ETFRN-UNED. Coleção Mossoroense. Vol. 890, p.59-62.

NUNES, M. Naturlink. **Fauna Urbana – a vida selvagem à nossa porta**. Disponível em: < <http://naturlink.pt/article.aspx?menuid=2&cid=32308&bl=1> > Acesso em: 25 de março de 2011.

ODUM, E.P. 1985. A cidade – Um ecossistema Heterotrófico. **Ecologia. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana. P 45 – 50.**

OLIVIER, D. 1992. Qu'est-ce que le spécisme ? **Informations et Réflexions Libertaires. Cahiers Antispécistes n.5.**

OVERAL, W. L. 1990. **Introduction to ethnozoology: what it is or could be**. In: Posey, D. A. & Overal, W. L. (orgs.). Ethnobiology: implications and applications. MPEG, Belém, Brasil, p.127-129.

PARHAM, B. 2012. **O que há de errado em comer carne**. Ed. Mundo dos livros. Vol.1. p. 4.

PEREIRA, B. A. S.; LEME, M. H. A. 2011. **O estado da arte do conhecimento da biologia dos microchiroptera (mammalia) brasileiros**. VII Jornada de Iniciação Científica. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo. p.1-12.

PINATO, L. 2007. **Sistema serotoninérgico: relações com o sistema de temporização circadiano**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo.

PSOUNI, E.; JANKE, A.; GARWICZ, M. 2012. **Impact of Carnivory on Human Development and Evolution Revealed by a New Unifying Model of Weaning in Mammals**. PLoS ONE. Vol.7, n°4.

QUEIROZ, L.R.S. 1997. **100 Animais brasileiros**. Editora Moderna, O Estado de São Paulo, São Paulo. 112 p.

REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A.; LIMA, I. P. 2006. **Família Didelphidae**. Mamíferos do Brasil. Nélio R. Reis, Londrina, Brasil, p. 27 – 35.

ROCHA, G. 2001. **Etnopoética do olhar**. Sociedade e cultura- Revista de Ciências Sociais. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. Vol. 4, n°2. p. 145-163.

ROMERO, S. 2002. **Contos populares do Brasil**. Vol 2. Ed. São Paulo: Landy.

ROSA, D. S.; SILVA, D. F.; AROSSA, C. A. 2012. **Medicina popular x científica: a zooterapia de invertebrados**. XV Simpósio de Biologia Marinha. Santos, São Paulo.

ROSSI, R. V.; BIANCONI, G. V.; PEDRO, W. A. 2006. **Ordem Didelphimorphia**. In: REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A. ; LIMA, I. P. (Ed.). Mamíferos do Brasil. Edifurb, Londrina, Brasil, p.27-66.

ROTHENBERG, J. 2002. **Ethnopoetics**. The New Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics. Disponível em: <www.ubuweb.com. > Acesso em: 08 de novembro de 2012.

SACHS, I. 1993. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. São Paulo: Studio Nobel fundação do Desenvolvimento Administrativo.

SALLES, V. 1970. **Bêbado que nem gambá**. Brasil açucareiro. Vol. 76, n°2. p. 67-70.

SAMOTO, V.Y.; MIGLINO, M.A.; AMBRÓSIO, C.E.; PEREIRA, F.T.V.; LIMA, M.C.; CARVALHO, A.F. 2006. **Morfologia da glândula mamária de gambás da espécie *Didelphis sp* associada ao modelo marsupial**. Biota Neotrop. Vol.6, n°2. p.1-12.

SANCHES, V.Q.A.; GOMES, M.M.A.; PASSOS, F.C.; GRACIOLLI, G. 2009. **Área de vida de *Didelphis albiventris* (Marsupialia, Didelphidae) em uma ilha do Rio Paraná, Brasil**. Anais do III Congresso Latino Americano de Ecologia. São Lourenço – Minas Gerais.

SANTO, S. M. 2003. **Urban development in Feira de Santana (Bahia)**. *Sitientibus*. n° 28, p. 9-20.

SANTOS, E. 1984. **Os gambás e seus mordestos parentes (marsupiais)**. Entre o gambá e o macaco. Vol. 6. Ed. Itatiaia. Belo Horizonte, Brasil. p. 13-18.

SANTOS, F. D.; ANTON, R. R. B.; SANTOS, S. F. 2011. **Descentralização econômica no espaço urbano: uma análise da cidade de Feira de Santana-BA**. III Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia. Feira de Santana, Bahia.

SANTOS, R. L.; ANDRADE, H. O. 2008. **Avaliação quantitativa do conforto térmico**

de uma cidade em área de transição climática: Feira de Santana-Bahia, Brasil. Revista de Geografia Norte Grande, n° 40. p.77-84.

SANTOS, V. ; MARQUES, J. G. W. 2001. **Leitura fenomenológica de uma interação homem-animal em uma feira nordestina (Feira de Santana – BA)**. *Sitientibus*. Série Ciências Biológicas. 1(2), p. 165-168.

SANTOS, B. S.; SANTOS, R. L. 2010. **Análise da expansão urbana de Feira de Santana através de condomínios fechados.** Urbba 11.

SANTORI, R.T.; MORAES, D.A.2006. **Alimentação, nutrição e adaptações alimentares de marsupiais brasileiros.** In: Os marsupiais do Brasil: biologia, ecologia e evolução (N.C. Cáceres & E.L.A. Monteiro-Filho, eds.). Mato Grosso do Sul Federal University Press, Campo Grande, p.241-254.

SARKIS, F. 2002. **Avaliação das condições microbiológicas de carnes de animais silvestres no município de São Paulo.** Dissertação de Mestrado.Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, USP, Piracicaba, São Paulo.

SAX, B. 2001. **The mythical zoo: an A-Z of animals in world myth, legend and literature.** ABC-CLIO Inc., Santa Bárbara, USA, 298pp.

SILVA, F. 1984. **Mamíferos Silvestres.** Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, , 246 p.

SILVA, F. 1994. **Mamíferos Silvestres – Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2º ed., 246p.

SILVA-NETO, P. B. 1990. **Criação de animais alternativos em cativeiro: Vantagens em relação às explorações tradicionais.** Simpósio Interface Nutrição x Agricultura. nº2. p. 167-173. Anais. FEALQ. Piracicaba, São Paulo.

SILVA, J.; ROSSI, R.V. **Gambá.** Disponível em: < www.editorasaraiva.com.br > Acesso em: 10/06/2011.

SINGER, P. 2004. **Libertação Animal.** Tradução Marly Winckler. Porto Alegre: Lugano.

SOUTO, F.J.B. 2004. **A ciência que veio da lama: Uma abordagem Etnoecológica Abrangente das Relações Ser Humano/Manguezal na Comunidade Pesqueira de Acupe, Santo Amaro, Bahia.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos,São Paulo.

SZPILMAN, M. Instituto Aqualung. **Nossa fauna urbana.** Disponível em: < http://www.institutoaqualung.com.br/info_urbana33.html> Acesso em: 25 de março de 2011.

TERRA, A. K.; REBÊLO, G. H. 2003. **Produtos da fauna de uso não alimentar comercializados em Manaus-AM.** Congresso de Ecologia do Brasil, Fortaleza. Anais do Congresso de Ecologia. Fortaleza. Vol.1, p. 31-32.

TORGA, K; FRANCHIN, A.; MARÇAL- JÚNIOR,O. 2007. **A avifauna urbana em uma seção da área urbana de Uberlândia, Minas Gerais.** Revista Biotemas, 20 (1), p. 7 -17.

TORQUETTI C. G.; ALMEIDA, A. J.; ARAÚJO, R. A.; TALAMONI, S. A. 2007. **Área de vida diária e intensidade de uso do habitat por *D. aurita* introduzido em um ambiente desconhecido.** Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil. Caxambu, Minas Gerais.

TRIGO, M.; RONCADA, M. J.; STEWIEN, G. T. M.; PEREIRA, I. M. T. B. 1989. **Tabus alimentares em região do Norte do Brasil.** Rev.Saúde pública, n°23. p.455-464, São Paulo.

ULRICH, R. S. 1993. **Biophilia, Biophobia and natural landscapes,** In: Kellert, S. R. ;WILSON, E. O. The Biophilia Hypothesis. Island Press, Vol.1, n.1,p.73-137.

VAREJÃO,J. B. M. 1981; **Contribuição ao estudo da distribuição geográfica e biologia do Gênero *Didelphis* (Mammalia, Marsupialia) no Estado de Minas Gerais, Brasil.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VASCONCELOS, Y. 2012. **Quais são as estratégias de defesa mais estranhas do mundo animal?** Mundo Estranho. Ed Abril S.A. Disponível em: < <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quais-sao-as-estrategias-de-defesa-mais-estranhas-do-mundo-animal>> Acesso em: 07 de Setembro de 2012.

VOSS, R. S.; JANSA, S. A. 2003. **Phylogenetic studies on didelphid marsupials II. Nonmolecular data and new IRBP sequences: separate and combined analyses of didelphine relationships with denses taxon sampling.** Bulletin of the American Museum of Natural History. Vol. 279. p. 1-82.

WEISMAN, A. 2007. **The World Without Us.** St. Martin's Press/ Thomas Dunne Books.

WERNER, O & J. FENTON. 1973. **Method and theory in ethnoscience or ethnoepistemology.** Columbia University Press, New York.

WILSON, E. O. 1989. **Biofilia.** Fondo de Cultura Económica, México,D.F., México, p.283.

APÊNDICES

8. Apêndices

Apêndice 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa procura saber o que os moradores da cidade de Feira de Santana conhecem sobre os sariguês, se têm histórias de famílias, aquelas que os pais contam para os filhos, e qual reação as pessoas tem ao ver um sariguê, além de saber se alguém come ele. Queremos escrever o máximo de informações sobre os sariguês para aumentar o conhecimento, tanto das pessoas que moram aqui na região quanto das pessoas que estudam esses animais. Para isso eu, Mônica Abreu e o professor José Geraldo Marques, gostaríamos de convidá-lo a participar dessa pesquisa, caso o(a) senhor (a) queira. O (a) senhor(a) pode perguntar e tirar qualquer dúvida que tenha quando quiser. A sua participação no projeto é voluntária e o(a) senhor(a) pode deixar de participar, sem qualquer prejuízo, a qualquer momento que queira. A pesquisa dará origem ao trabalho “Evidência de sinurbização de *Didelphis* spp. no ecossistema urbano de Feira de Santana: Ocorrência e interação com os seres humanos”. Para isso, precisarei, durante seis meses, a partir do mês de fevereiro até julho de 2012, vir realizar o nosso “trabalho de campo”, que são as entrevistas com moradores e apenas fotos dos animais. As conversas realizadas, as quais chamamos de entrevistas, serão gravadas com um gravador digital para maior segurança nas informações. Marcaremos sempre um horário para que não atrapalhe seu trabalho e caso necessite remarcar-las, fique a vontade. Se houver alguma informação que achar que não deva ser revelada, por favor, não deixe de nos avisar, pois as informações só serão repassadas se o(a) senhor(a) permitir. Nós nos comprometemos a usar os resultados somente em trabalhos científicos com garantia de sigilo e anonimato e para comunicar a outros pesquisadores, aos participantes da pesquisa e em reuniões e revistas científicas e convidaremos os participantes para assistir a apresentação dos resultados. Os registros conseguidos com este estudo serão guardados no Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia (LETNO), por um período de cinco anos, sendo queimados após este tempo. O risco que o senhor (a) pode correr ao participar seria perder tempo de trabalho ou outras atividades, mas faremos o possível para que isso não aconteça. Agradecemos a atenção, e estamos à disposição para tirar qualquer dúvida e dar mais informações. O endereço para contato é o: Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia, Avenida Transnordestina, CEP: 44.036-900, Feira de Santana (BA), telefone: (75) 3161-8131 e 3161-8298.

Caso o(a) senhor(a) tenha se sentido esclarecido(a) e tenha interesse em participar desta pesquisa, por favor assine este termo de consentimento; uma cópia ficará com o(a) senhor(a) e outra ficará comigo. Muito Obrigada.

Feira de Santana, ____/____/ 2012

Mônica Costa de Abreu
Pesquisadora responsável

Entrevistado

Apêndice 2

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ZOOLOGIA**

PESQUISADOR: Mônica Costa de Abreu

ORIENTADOR: Prof. Dr. José Geraldo Wanderley Marques

PESQUISA: Evidência de sinurbização do sariguê (*Didelphis spp.*) no ecossistema urbano de Feira de Santana (BA): Ocorrência e interação com os seres humanos

ROTEIRO PRELIMINAR DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Nº _____

Data _____

Dados de Identificação:

Sexo: _____ Idade: _____

Profissão: _____ Tempo em que vive na comunidade: _____

1. O (a) senhor (a) já viu um sariguê?
2. Onde?
3. O que o sariguê fazia no momento?
4. Qual foi a sua reação ao vê-lo?
5. O (a) senhor (a) viu em qual horário?
6. O (a) senhor viu se era macho ou fêmea?
7. Como ele era? Qual a cor que ele tinha?
8. O que o (a) senhor (a) acha dos sariguês?
9. O(a) senhor(a) já matou um sariguê?
10. Algum sariguê já comeu algum bicho que o(a) senhor(a) cria ou criou?
11. O(a) senhor(a) já comeu sariguê?
12. O(a) senhor(a) já viu o sariguê chupando sangue de algum bicho?
13. O(a) senhor(a) já foi atacado por um sariguê?
14. O(a) senhor(a) já criou um sariguê?
15. Se um sariguê entrar na sua casa, o que o (a) senhor (a) faria?
16. O (a) senhor (a) sabe alguma história sobre sariguê? Qual?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ZOOLOGIA

PESQUISADOR: Mônica Costa de Abreu

ORIENTADOR: Prof. Dr. José Geraldo Wanderley Marques

PESQUISA: Evidência de sinurbização do sariguê (*Didelphis spp.*) no ecossistema urbano de Feira de Santana (BA): Ocorrência e interação com os seres humanos

ROTEIRO PRELIMINAR DE ENTREVISTA VISUALMENTE ESTIMULADA

Nº _____

Data _____

Dados de Identificação:

Sexo: _____ Idade: _____

Profissão: _____ Tempo em que vive na comunidade: _____

***OBS:** As ENTREVISTAS VISUALMENTE ESTIMULADAS consistiram na apresentação de figuras para os sujeitos participantes utilizando-se a metodologia geradora de dados através de uma pergunta básica (“O que é isto?”) tal como proposto por Darrell Posey (1986) e com largo uso em pesquisa etnobiológica. A partir dessa pergunta inicialmente respondida novas perguntas foram feitas guiadas pela mesma, não enveredando por temas paralelos e/ou perguntas cujas respostas sejam de cunho pessoal.*

Apêndice 3
(KIT FOTOGRÁFICO)



Foto: Google



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Luis Valverde



Foto: Google



Foto: Google



Foto: Google



Foto: Google



Foto: Google



Foto: Google



Foto: Google

Apêndice 4

No aperto e no perigo se conhece o amigo

(Meu relato inesperado)

Era mais um sábado como outro qualquer, casa vazia a espera dos amigos chegarem, de repente meu celular toca, é Thiago, meu namorado, informando que está a caminho da minha casa.

- Irei te levar um presente!, ele disse.

Nessas horas a cabeça de uma mulher viaja, o que será que ele vai trazer? A demora foi tanta e o calor do verão solterapolitano também, não aguentei, fui tomar um banho frio para esperar o pessoal chegar. Logo, logo meu irmão Paulinho chegou. Pepi, meu vira-latinha cinza foi recepcioná-lo como sempre, em questão de segundos chegou Thiago. Enquanto me arrumava para recebê-lo, Paulinho gritou da sala:

-Mônica, Thiago trouxe um presente que você vai adorar!

Assim que saí do banheiro me deparo com um saco grande, desses de farinha, ensanguentado. Thiago me recebe com um sorriso nos lábios e apenas disse:

- Mandaram pra você.

Sem entender nada, pensei: Que presente é esse? Na curiosidade pedi que ele me informasse do que se tratava aquele conteúdo. Fomos para a garagem, Pepi não parava de cheirar e lati para o saco, Paulinho de longe só olhava e Thiago como de costume fazia aquele mistério quase que mortal. Pronto, abrimos o saco. A primeira vista vejo um bichinho cabeludo e fedorento encolhidinho, parecia está morto, mas logo mostrou que estava alerta quando Pepi no ato de curiosidade se aproximou. Foi ai que Thiago me explicou:

- Mônica, meu tio achou esse sariguê no quintal da minha casa, ele está ferido. Tinha um anzol na boca e estava sangrando muito. Achei que você poderia saber o que fazer com ele.

Nossa, e agora? Nunca tinha criado um sariguê, minha experiência apesar de ser bióloga e trabalhar com esses animais me permitia apenas capturá-los, marcá-los e soltá-los. Não contei conversa, liguei para o meu pai. Meu pai é um senhor do interior detentor de grande conhecimento empírico sobre diversos animais e plantas.

-Alô, pai?

- Oi!

- Tenho uma missão que só você e eu juntos podemos resolver.

-Vixe... O que aconteceu?

Contei a meu pai toda história do sariguê, como ele se encontrava e perguntei o que deveria fazer até ele chegar em casa. Depois de alguns minutos de papo para resolver o destino do nosso amigo, o decreto foi dado: Vamos cuidar do bichinho até que ele possa se virar sozinho, e quando isso acontecer levamos ele para uma reserva que tem na área urbana da cidade, afinal ele é um “cidadão urbano”. Com tudo resolvido não me contive e batizei o novo mascote de “Fred”, apesar de saber que esse é o primeiro passo para o apego (como diz o professor José Geraldo).

Fred parecia muito fraco, assim que meu pai chegou em casa colocamos ele em uma gaiola grande e espaçosa, apesar da aparência debilitada ele não contou conversa na hora de mostrar os dentes e rosnar para gente, até uma tentativa de mordida ele nos proporcionou, claro que foi um grande susto, pois o animal parecia tão debilitado e de repente conseguiu rapidamente nos surpreender com um bote quase perfeito.

Os primeiros dias de Fred em sua nova residência foram difíceis, desconfiado o marsupial só começou a comer dois dias depois de sua chegada, a única coisa que fazia era beber água e dormir, pensamos que o anzol tivesse feito um grande estrago, porém quando colocamos uma banana bem docinha ele se fartou, os dias foram passando e o “menu” foi ficando mais sofisticado, mamão, melão, ovo e Fred foi ficando cada dia mais forte.

Hoje ele está mais acostumado com essa nossa presença, os comportamentos de defesa como; rosnar, mostrar os dentes e algumas vezes urinar e defecar estão mais amenos. O ritmo biológico de Fred é meio diferente, ele durante o dia, entre 10 da manhã às 14 horas aparenta estar bem ativo na sua gaiola, depois desse horário, ele entra na sua toca (um improvisado feito com cano PVC) e se esconde da claridade, lá o encontramos até mais ou menos às 22 horas, horário em que colocamos a sua comida e água.

Praticamente Fred já é mais um integrante dessa família multi-espécie, porém sua despedida já está prevista para logo após o carnaval, achamos muita maldade mantê-lo em um cativeiro, por mais que esteja sendo bem tratado. O aparecimento de Fred foi muito importante para o final da escrita da minha dissertação, pois com ele aprendi, entendi e dessa maneira consegui transcrever de uma forma muito mais especial o que os meus informantes queriam me dizer. Agradeço muito a ele (Fred) por me proporcionar esse entendimento, e com esse carinho que ele cativou deixo o meu MUITO OBRIGADA aqui marcado.

ANEXOS

9. Anexos

O sariguê e suas histórias na cidade grande

Reservei esta parte do trabalho para dividir com os meus amigos e leitores desta dissertação algumas das melhores histórias que ouvi nos maravilhosos e cansativos dias de campo. Seria muito egoísmo da minha parte, não repartir as aventuras que os sariguês urbanos de Feira de Santana aprontam com os moradores da cidade, do apego momentâneo a raiva extremas que as estrelas dessa pesquisa fazem aos coadjuvantes, porém não menos importantes e queridos, humanos passarem.

Nem tudo que reluz é ouro

Já tinha visto um sariguê lá nas proximidades do Feira IX. No momento em que o avistei tomei um susto, fiquei assim meio surpreso. Ele estava dormindo, tirando um cochilo na árvore. Era de manhã, entre 11 ou 10 horas. Estávamos eu e mais dois amigos, pelo susto pensamos; “Esse bicho deve valer muito dinheiro!”, ai meu amigo disse:

- Isso ai é uma preá, bora levar, a gente vai vender por R\$5,00.

Naquele tempo, quando saiu logo o real, R\$5,00 era muita coisa não é? A gente arranjou uma caixa e com um pedaço de pau jogou ele dentro e fomos embora. Agora ele é violento, tentou morder a gente, mas não conseguiu não. Quando chegamos no centro, oxe quem disse? Ninguém quis comprar, ai o povo falou:

- É sariguê!

Ai eu falei:

- Rapaz, mesmo assim eu vou vender!

Todo mundo falou, esse bicho não presta, não vale nada. Esse bicho come ovo de galinha, come pinto, ninguém vai querer. O pior que não conseguimos vender mesmo, acabamos soltando no mato lá onde encontramos, aquela bicho não serve é pra nada mesmo.

De Lauro de Freitas para Feira de Santana

Essa história aconteceu com minha filha, ela mora em Lauro de Freitas, depois de Salvador, ali pertinho, colado. O sariguê apareceu no apartamento dela no ano retrassado,tem mais ou menos dois anos isso. Acho que ele apareceu lá porque no condominio que ela mora tem uma chacará em volta. Ele não era muito grande não, era um filhote, tinha um palmo mais ou menos, ai apareceu dentro de casa, ela disse que pegou, que ele tava assustado com medo dos gatos, que ela cria. Ela pegou e colocou dentro de uma gaiolinha, pra criar, foi quando ela veio aqui em casa, em Feira de Santana.. Quando ela chegou que eu olhei direito, ela estava com ele dentro da gaiolinha e toda alegre me entregou e disse:

- Oh, mainha o que eu trouxe! Peguei lá em casa, trouxe pra senhora criar!

Ai eu disse:

- Oh, minha filha isso não cria em gaiola não, isso é um sariguê. Solte o bichinho

Eu nem sei como criar ele, então pra que prender né? Pegamos a gaiolinha e levamos para um lugar com bastante folhagem, mato, assim que soltamos ele foi embora.

O Didelphis “Opossum” Silva, campeão do MMA animal

Eu presenciei um episódio, entre um sariguê e um cachorro. Interessante, eu acho que ele tava com o filhote, por isso que tava muito feroz e os cachorros eram de caça. Só que esse cachorro que o pessoal levou, esses chamados de vira-lata, ele ficava na agonia de querer pegar os bichos que ele via, em um certo dia ele passou correndo e viu um sariguê, o cachorro foi com tudo pra pegar o sariguê, ai o sariguê conseguiu morder ele, pra se defender né? E o cachorro não ficou muito bom não, pois ele mordeu em cima do focinho, ai o cachorro começou a sangrar e parece que o cachorro não gostou muito não. Eu sei que até o outro cachorro ficou com medo do sariguê quando viu o outro ser atacado. Ai acabou o sariguê ficou em pé assim, ficou parecendo um lutador de boxe, de MMA fazendo uma zuada retada, ele emite um som assim muito forte, estranho né? Meio parecido com um gato, um negocio mais preso, mas sei que ele conseguiu afugentar dois acachorros com essa cena de gritar e ficar de pé na pegado do lutador de boxe. Ele foi danado, porque ele conseguiu colocar os cachorros pra correr no estilo de Anderson Silva.